



**UNILAB**  
**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL**  
**DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA**  
**INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**GABRIELE DE JESUS BATISTA**

**HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NA**  
**EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2022**

**GABRIELE DE JESUS BATISTA**

**HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso – Modalidade Relatório de Intervenção Pedagógica – apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudilene Maria da Silva.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2022**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da Unilab  
Catalogação de Publicação na Fonte

B336h

Batista, Gabriele de Jesus.

História e cultura afro-brasileira e africana na Educação Infantil a partir da contação de histórias / Gabriele de Jesus Batista. - 2022.

60 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2022.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudilene Maria da Silva.

1. Cultura afro-brasileira - Estudo e ensino. 2. Educação Infantil - Candeias (BA) - Relações étnicas. 3. Professores de Educação Infantil - Formação - Candeias (BA). I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 372.210896

**GABRIELE DE JESUS BATISTA**

**HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso – Modalidade Relatório de Intervenção Pedagógica – apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras do Campus dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovado em 21 de julho de 2022.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudilene Maria da Silva (Orientadora)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Rita de Cássia Santos Barbosa**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Míghian Danae Ferreira Nunes**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

## AGRADECIMENTOS

Inicio os meus agradecimentos, agradecendo a todas e todos que vieram antes de mim e abriram o caminho para que este trabalho fosse possível.

Agradeço aos meus pais, Rosângela Maria de Jesus Batista e Gilmaro Batista, por terem investido em meus estudos, até onde puderam. Agradeço também pelos conselhos, compressão e acolhimento.

À minha irmã mais velha, Renata de Jesus Batista, minha luz e força, por todas as longas horas de escuta, por todas as palavras de incentivo e por acreditar em mim, quando nem eu mesma acreditei.

Ao meu querido, José Fernando de Matos, pelas trocas, compreensão, pela disponibilidade em me ajudar em todas as vezes que precisei e pelas palavras de incentivo.

Aos meus amigos, Diego Lucas da Silva e Maria Telma Pereira, por todo apoio, troca e escuta.

À minha querida e preciosa orientadora, a quem tenho imensa admiração, Claudilene Maria da Silva, por segurar na minha mão, embarcar nessa comigo e me acolher em todos os momentos de frustração e insegurança.

À minha querida professora e coordenadora, a quem também tenho muita admiração, Ana Rita Barbosa, pela oportunidade de evoluir tanto academicamente, quanto como ser humano. Agradeço também por ter acreditado no meu potencial e pela confiança.

À todas as pessoas que fazem ou fizeram parte da Brinquedoteca de Histórias, em especial: Lourdes Salvador, Rebeca Soledade, Belisa Amaral, Valdimiro Esteves, Inelma Florentino e Maria Luiza Gomes, pelas riquíssimas trocas, amizade e companheirismo.

Às professoras Ana Fátima dos Santos, Ana Rita Barbosa, Taisa Ferreira, e o professor Bruno Amaral, por terem aceitado generosamente contribuir com a realização deste trabalho.

À professora que colaborou com este trabalho, pelas riquíssimas contribuições, confiança e por ter tornado a realização do mesmo possível.

Aos meus colegas de orientação, em especial: Maria Luiza Brandão e Amanda Souza, por todo apoio e por acompanharem a realização deste trabalho de perto.

As/Os minhas/meus queridas/os professoras/professores da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, pelas trocas generosas e por toda aprendizagem. Obrigada por me ajudarem a não perder as esperanças e a acreditar que é possível sim uma educação libertadora, emancipatória e antirracista.

Ubuntu!

## RESUMO

O presente relatório objetiva apresentar as atividades realizadas no projeto de intervenção pedagógica “História e cultura afro-brasileira e africana na educação infantil a partir da contação de histórias”, bem como refletir sobre seus resultados. O projeto teve como principal objetivo compartilhar experiências exitosas com a temática e oferecer repertórios sobre história e cultura afro-brasileira e africana por meio da contação de histórias a docentes que atuam na educação infantil, para que possam fortalecer seu trabalho pedagógico. Especificamente, objetivou-se: identificar a percepção das docentes quanto à relevância do estudo da cultura Africana e Afro-Brasileira e envolvê-las em atividades lúdicas pedagógicas a partir da Audioteca do projeto de Extensão da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Brinquedoteca de Histórias: *contação de histórias e vivências lúdicas de letramento na infância*. Metodologicamente, em um primeiro momento realizamos uma pesquisa de cunho bibliográfico que se orientou pela seguinte questão: como a contação de histórias afro-brasileira e africana na Educação Infantil, pode fortalecer a identidade e autoestima de crianças negras? E a partir das informações levantadas, construímos o projeto. A ação pedagógica contou com a colaboração de uma docente da rede pública, da cidade de Candeias- BA, responsável por duas turmas do grupo 4 da educação infantil. Em virtude da Pandemia de COVID-19, o referido projeto aconteceu de forma remota, por meio de oficinas temáticas, realizadas via plataforma digital *Google Meet*, entre os meses de julho e setembro de 2021. Os resultados obtidos apontam que os objetivos traçados foram alcançados, pois revelam indícios da apropriação da temática pela professora colaboradora, que reverberaram em mudanças significativas na atuação e na prática pedagógica da docente.

**Palavras-chave:** Cultura afro-brasileira - Estudo e ensino. Educação Infantil - Candeias (BA) - Relações étnicas. Professores de Educação Infantil - Formação - Candeias (BA).

## ABSTRACT

This report aims to present the activities carried out in the pedagogical intervention project “History and Afro-Brazilian and African culture in early childhood education based on storytelling”, as well as to reflect on its results. The project's main objective was to share successful experiences with the theme and offer repertoires on Afro-Brazilian and African history and culture, through storytelling, to teachers who work in early childhood education, so that they can strengthen their pedagogical work. Specifically, the objective was: to identify the teachers' perception regarding the relevance of the study of African and Afro-Brazilian culture and to involve them in recreational pedagogical activities from the Audio Library of the Extension project of the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony, Story Toy Library: storytelling and playful experiences of literacy in childhood. Methodologically, at first, we carried out bibliographic research that was guided by the following question: how can Afro-Brazilian and African storytelling in Early Childhood Education strengthen the identity and self-esteem of black children? And from the information gathered, we built the project. The pedagogical action had the collaboration of a teacher from the public network, from the city of Candeias-BA, responsible for two groups of group 4 of early childhood education. Due to the COVID-19 Pandemic, this project took place remotely, through thematic workshops, held via the Google Meet digital platform, between July and September 2021. The results obtained indicate that the objectives outlined were achieved, as they reveal evidence of appropriation of the theme by the collaborating teacher, which reverberated in significant changes in the teacher's performance and pedagogical practice.

**Keywords:** Afro-Brazilian culture - Study and teaching. Early Childhood Education - Candeias (BA) - Ethnic relations. Early Childhood Education Teachers - Training - Candeias (BA).

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	9
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	13
2.1	CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: ORALIDADE E MEMÓRIA	13
2.2	LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA / LITERATURA NEGRA	15
2.3	HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	16
<b>3</b>	<b>ESTRATÉGIAS DA AÇÃO</b>	20
<b>4</b>	<b>DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS</b>	25
4.1	OFICINAS TEMÁTICAS	25
<b>5</b>	<b>DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	45
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	48
	<b>Referências</b>	50
	<b>Apêndices</b>	52

## 1 INTRODUÇÃO

A alteração da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), por meio da Lei Nº 10.639/2003 tornou obrigatório o ensino de História Afro-Brasileira e Africana na educação básica, seja ela pública ou privada<sup>1</sup>. Esta iniciativa integra a política de educação para as relações étnico-raciais, como uma política pública educacional de afirmação da população negra (CLAUDILENE SILVA; ELIETE SANTIAGO, 2016).<sup>2</sup> Dessa forma, busca fazer uma reparação histórica para que as pessoas brasileiras, especialmente as negras e indígenas, conheçam a sua história e tenham noção da formação cultural de seu país. O objetivo principal da alteração da Lei é a divulgação e produção de conhecimentos, para que se torne possível, uma educação das relações étnico-raciais com vistas a troca de conhecimento entre brancos, negros e indígenas, propiciando a construção de uma educação que contemple a identidade e a diversidade cultural brasileira.

Neste sentido, o presente relatório apresenta os resultados de uma intervenção pedagógica realizada com uma professora da rede pública de educação infantil da cidade de Candeias- BA. O trabalho ocorreu entre os meses de julho a setembro de 2021 e tomou como objeto o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana por meio da contação de histórias. Nosso interesse em realizar o referido trabalho de intervenção pedagógica surgiu a partir da relevância e dos inúmeros benefícios que a contação de história tem/traz para o desenvolvimento e aprendizado das crianças, podendo ser eles: cognitivo, afetivo, da oralidade, da escrita, pessoal e etc. Ana Rita Barbosa, Gabriele Batista, Belisa Amaral, e Esteves (2020 p.87) afirmam que “o ato de ouvir e contar histórias também envolve questões de natureza histórica, social, cultural, psicológica e identitária”.

As histórias são fontes de experiências, caminho para ampliar o horizonte desses indivíduos em construção e aumentar seus conhecimentos sobre o mundo do qual ela/e faz parte e acerca dos outros indivíduos que o compõem. Como nos assegura Fany Abramovich (1997) as histórias nos permitem descobrir novos lugares, outros tempos, jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica.

A arte de contar histórias é prática antiga em quase todas as civilizações africanas, é um costume passado de geração em geração e “pacientemente transmitidos de boca a ouvido” (Hampâté Bâ, 1980, p.181). É sabido que a cultura brasileira teve forte contribuição da cultura

---

<sup>1</sup> Em 2008, uma nova alteração na LDB foi realizada, por meio da Lei 11.645/08, para incluir o ensino de história e cultura indígena.

<sup>2</sup> Neste trabalho as referências femininas serão citadas, sempre que possível, com nome e sobrenome.

africana, e essa co-criação deu origem ao que conhecemos como cultura afro-brasileira, a qual faz parte da nossa identidade, como brasileiros. Partindo dessas informações, torna-se evidente a importância que essa temática tem para ser propagada na sociedade: é de extrema importância que a população brasileira conheça e se relacione com a sua cultura, valorizando e reconhecendo como sua, sem preconceito, discriminações ou equívocos.

Consideramos que histórias, sejam elas escritas ou da tradição oral que valorizam a cultura afro-brasileira e que tragam uma imagem positiva do ser negro no campo da educação e em especial na educação infantil podem contribuir para o enfrentamento do racismo institucional, além de favorecer a construção de uma identidade e autoestima livre do estigma existente. Nessa fase da vida os indivíduos começam a interagir com outros sujeitos que não fazem parte do seu grupo familiar ou de sua vizinhança e é essencial que a escola intervenha no processo de formação e percepção crítica das crianças, buscando evitar, que elas reproduzam comportamentos preconceituosos, contribuindo para a relação de respeito, troca e aceitação das diferenças.

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a reeducação de nossas relações “impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para construção de uma sociedade justa, igual, equânime” (BRASIL, 2004, p.14).

Entretanto, “sabemos que, na realidade brasileira, esta é uma temática difícil de ser discutida, compreendida e incorporada, como deve ser” (CLAUDILENE SILVA, 2016, p. 16), especialmente no campo da educação. Os estudos da produção acadêmica realizado pelas autoras Erika Pereira, Aretusa Rosa e Vera Maria Vasconcellos (2016) nos últimos anos e o estudo recente de Daiana Aquino (2021), apontaram que poucas instituições têm assumido um trabalho coletivo e institucional referente a promoção da educação para as relações étnico-raciais ou que abordassem essa proposta em seus projetos políticos pedagógicos. Nesta mesma perspectiva, o estudo de Eliane Prado e Lilian Fátima (2016) mostraram que mesmo após anos de aprovação da Lei 10.639/03, essa temática só é trazida para sala de aula no dia 20 de novembro (Dia da Consciência Negra). Este estudo também denuncia a falta de recursos didáticos disponibilizados para os professores trabalharem a temática, a necessidade de qualificação e capacitação para os mesmos e traz à tona o desconhecimento de muitos docentes sobre a Lei já mencionada e sobre informações referentes à cultura afro-brasileira e africana.

Por sua vez, autoras como Anete Abramowicz e Fabiana Oliveira (2005), e os autores Amaral (2011), Silva e Soares (2013), entre outras e outros, mostram a importância da educação para as relações étnico-raciais e do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana para crianças negras e brancas. Estes trabalhos denunciam as discriminações e preconceito que as crianças negras seguem sofrendo por causa do seu pertencimento étnico-racial e este “processo é prejudicial para todas as crianças contribuindo negativamente para a construção de suas identidades” (ERIKA PEREIRA, ARETUSA ROSA, VERA MARIA VASCONCELLOS, 2016 p.7).

Para Daniela Freitas (2011), a inserção da história e da cultura afro-brasileira no contexto escolar é de fundamental importância. Considera a autora que as práticas vivenciadas em sala de aula podem possibilitar à criança um autoconhecimento, além de respeito mútuo, fazendo cumprir um papel na difusão e socialização tanto de informação quanto de conquistas da sensibilidade e da consciência humana, de forma a estimular atitudes que valorizem e respeitem as diferenças entre ela e os demais sujeitos.

Neste contexto, o projeto de intervenção pedagógica “História e cultura afro-brasileira e africana na educação infantil a partir da contação de histórias” teve como objetivo geral compartilhar experiências exitosas com a temática e oferecer repertórios sobre história e cultura afro-brasileira e africana, por meio da contação de histórias, à docentes que atuam na educação infantil, para que possam fortalecer o seu trabalho pedagógico. Especificamente buscou-se identificar a percepção das docentes quanto à relevância do estudo da história e cultura Afro-Brasileira e Africana e envolvê-las em atividades lúdicas pedagógicas a partir da Audioteca do projeto de Extensão da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), *Brinquedoteca de Histórias: contação de histórias e vivências lúdicas de letramento na infância*. Metodologicamente, em um primeiro momento realizamos uma pesquisa de cunho bibliográfico que se orientou pela seguinte questão: como a contação de histórias afro-brasileira e africana na Educação Infantil pode fortalecer a identidade e autoestima de crianças negras? A partir das informações levantadas, construímos o projeto.

As ações realizadas contaram com 9 oficinas temáticas, sendo 7 delas destinadas a discussões sobre: memória e tradição oral, contação de história, história e cultura afro-brasileira e africana, a imagem do negro na literatura infantil brasileira, a influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças negras, afroletramento e nossas histórias. Os 2 encontros restantes ficaram para: o 1º, ouvir a professora colaboradora, realizar orientações e tirar dúvidas sobre a proposta de atividade pedagógica a ser elaborada por ela a partir de uma história selecionada na Audioteca *online* do

Projeto de Extensão Brinquedoteca de Histórias da UNILAB; no 2º encontro, deixamos para a apresentação da proposta elaborada por ela.

Devido a Pandemia de COVID-19<sup>3</sup> e do necessário distanciamento físico durante todo o ano de 2021, todos os encontros foram realizados virtualmente, de forma síncrona, em formato de roda de conversa, tendo a duração variada entre 1h00 e 1h30, via plataforma *Google Meet*. Quatro dessas oficinas contaram com a participação de professoras/es convidadas/os para discorrer sobre o tema do dia, sendo: 1 da Rede Municipal de Salvador; 1 da Rede Municipal de Lauro de Freitas e 2 da UNILAB. Além das rodas de conversa na intervenção utilizou-se também a troca de mensagens com a professora colaboradora, através do aplicativo de mensagens instantâneas *Whatsapp*. Nelas a professora compartilhava suas angústias e alegrias já trabalhando com a temática a partir das histórias disponíveis na Audioteca que a oferecemos, como fonte de repertório e de outras pesquisadas por ela.

Sabemos que a população negra brasileira é alvo do racismo cotidiano por causa do seu pertencimento étnico-racial. Acreditamos que ouvir histórias que nos valorizem desde a educação infantil, poderá ajudar as nossas crianças negras a se entenderem, conscientizarem e se orgulharem de ser quem são. Dessa forma elas poderão se tornar crianças e no futuro adultos, conscientes e orgulhosos do seu pertencimento étnico-racial.

O presente relatório para além desta introdução e das considerações finais foi organizado em cinco sessões, sendo elas: fundamentação teórica, estratégias da ação, descrição das atividades desenvolvidas, oficinas temáticas, discussão dos resultados.

---

<sup>3</sup> Consultar em: <https://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1163-recomendac-a-o-n-036-de-11-de-maio-de-2020>

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: ORALIDADE E MEMÓRIA

Antes do surgimento da escrita, as histórias, bem como todo conhecimento eram transmitidos por meio da oralidade. Deve-se a isto toda a importância da memória para as sociedades tradicionais africanas, pois a memória era o único recurso capaz de armazená-las e transmiti-las. (SHIRLEI MILENE TORRES; ANA LÚCIA TETTAMANZY, 2008). De acordo com Hampâté Bâ (1980); os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro das mulheres e dos homens, e a sua origem eram as pessoas que, em meio à necessidade de transmitir fatos históricos e culturais de seu povo, as repassavam de geração a geração por meio da oralidade.

Neste sentido, a memória seria o elemento indispensável para a compreensão do processo “informativo, é, em sentido amplo, responsável pela lembrança e transmissão de saberes que auxiliam na construção da cultura das sociedades” (ANA LÍVIA SOUSA; PALOMA ISRAELY DE SÁ; LEILAH BUFREM, 2020 p. 620), concebida por meio de recordações, como forma de preservar um fato passado, imagens vistas ou falas ouvidas, podendo estas estar associadas tanto a um sujeito individual quanto a um grupo ou espaço. E a oralidade seria então, um mecanismo utilizado há muitos anos para compartilhar esses saberes, filosofias, tradições, linguagens, formas de enxergar o mundo, costumes, dentre outras coisas, sendo as histórias a herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vivenciaram e que se encontra presente em tudo o que nos transmitiram (Hampâté Bâ, 1980).

A oralidade é uma tradição dos povos africanos, os quais transmitem seus saberes de geração em geração, através da palavra falada. Os *Domas* ou *Griots* são “[...] os grandes depositários da herança oral, são os chamados ‘tradicionalistas’ e, também, o Guardião dos segredos da Gênese com sua memória prodigiosa” (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 174). Ainda em diálogo com o referido autor, dentro das sociedades africanas, a palavra é considerada algo muito precioso e poderoso, por isso os griots (contadores de histórias), são importantes, pois carregam em suas memórias todo o acervo de saberes, com o objetivo de preservar a sua ancestralidade.

De acordo com as autoras Shirlei Milene Torres e Ana Lúcia Tettamanzy (2008), o ato de contar histórias se refere ao tempo em que a mulher e o homem confiavam plenamente em sua memória e nas suas experiências, resgatando qualidades necessárias para o seu desenvolvimento. Por sua vez, Cléo Busatto (2006, p.20), afirma que “o conto de literatura

oral se perpetuou na história da humanidade através da voz dos contadores de história”. Entretanto estes não são os seus únicos guardiões e transmissores qualificados.

Shirlei Milene Torres e Ana Lúcia Tettamanzy (2008) acrescentam que:

O ofício de contar histórias é remoto [...] e por ele se perpetua a literatura oral, comunicando de indivíduo a indivíduo e de povo a povo o que os homens, através das idades, têm selecionado da sua experiência como mais indispensável à vida. (CECÍLIA MEIRELES, 1979, p.41 apud SHIRLEI MILENE TORRES; ANA LÚCIA TETTAMANZY, 2008, p. 2).

Sendo assim, para as autoras, quando contamos histórias da chamada literatura oral, estamos recuperando um caminho que nos possibilita fazer um resgate de nossa memória coletiva, conectando o passado e o presente para transformar o tempo do hoje numa experiência de nossa vivência, no que já foi vivido.

No que diz respeito à cultura e história brasileira, sabemos que esta teve a forte contribuição da cultura e história africana e essa por sua vez está pautada na tradição da oralidade. Segundo Hampâté Bâ:

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. (HAMPÂTÉ BÂ, 1980, p. 181).

Neste contexto, segundo o autor, os momentos de transmissão eram realizados pelo membro mais velho da comunidade, em sinal de respeito por toda experiência adquirida por ele ao longo de suas vivências. As histórias passadas traziam os costumes de toda a comunidade, e o contador era um membro muito respeitado dentro de sua sociedade, sendo considerado o mais sábio.

As histórias e o ato de contá-las possuem um imenso poder ancestral. Aprendemos com elas tanto quando nos sentamos para ouvi-las quanto somos nós a transmiti-las. Esse processo envolve toda uma herança deixada por nossos antepassados e como guardiões de quem está por vir, e antigos no mundo, em relação às crianças que estão chegando agora, é nosso dever fazer com que ela se perpetue.

Diante das informações expostas torna-se inegável a importância da literatura oral para nós afro-brasileiros, uma vez que ela nos aproxima de valores civilizatórios e princípios educativos que se constituem fundamentos na cultura africana e afro-brasileira, a exemplo, da relação com a ancestralidade. A partir do olhar de nossos antepassados, aprenderemos a olhar

para nós mesmos e isso pode fortalecer nossa identidade, favorecer nossa compreensão sobre o mundo e alimentar nossa memória coletiva, para que esta se mantenha viva.

## 2.2 LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA/ LITERATURA NEGRA

Nos dias atuais, despertar uma identidade racial positiva nas crianças negras tem se revelado um grande desafio, sobretudo em uma sociedade onde o racismo estrutural se faz presente nos comportamentos, nos discursos e no imaginário das pessoas. Nos últimos anos temos visto um movimento forte e contínuo de promoção dessa representatividade, por meio de mais espaços na mídia, de mais visibilidade nos mercados de beleza, da politização das famílias e sobretudo, na variedade de livros de literatura infantil com temática étnico racial (CRISTIANE PESTANA, 2021).

Em nosso trabalho, dialogamos com a chamada literatura infantil afro-brasileira/literatura negra. Pois entendemos que esta resgata e fortalece a identidade negra, uma vez que “essas obras literárias têm retratado a população negra em situações comuns do cotidiano, enfrentando preconceitos, resgatando sua identidade e valorizando suas tradições religiosas, mitológicas e a oralidade africana” (GILMARA MARIOSIA; MARIA DA GLÓRIA DOS REIS, 2011. p.45). Elas também:

[...] retomam traços e símbolos da cultura afro-brasileira, tais como as religiões de matrizes africanas, a capoeira, a dança e os mecanismos de resistência diante das discriminações, objetivando um estímulo positivo e uma autoestima favorável ao leitor negro e uma possibilidade de representação que permite ao leitor não negro tomar contato com outra face da cultura afro-brasileira que ainda é pouco explorada na escola, nos meios de comunicação, assim como na sociedade em geral. Trata-se de obras que não se prendem ao passado histórico da escravidão. (IONE JOVINO, 2006, p. 216).

Neste sentido, compreendemos que para uma construção racial positiva, é necessário ter “conhecimento de sua história e sua ancestralidade” (CRISTIANE PESTANA, [s.d.], p.01) e a literatura infantil afro-brasileira/literatura negra tem se mostrado um caminho propício para isso, uma vez que ela permite que a criança se veja representada de uma forma positiva e aprenda de forma lúdica sobre seu pertencimento étnico-racial, sua história e sua cultura.

Entretanto, conforme as autoras Andreia Souza, Ana Lucia Souza e Roseane Pires (2005):

A afro-literatura brasileira poderia ser entendida, ainda, como aquela produção que: possui uma enunciação coletiva, ou seja, o eu que fala no texto traduz buscas de toda

uma coletividade negra. Para que o livro seja uma obra de referência, não basta trazer personagens negras e abordagens sobre preconceitos. É importante levar em consideração o modo como são trabalhados o texto e a ilustração (ANDREIA SOUSA; ANA LUCIA SOUZA; ROSEANE PIRES, 2005, p.01).

Neste sentido, as obras literárias com a temática racial precisam ter suas narrativas e imagens analisadas antes de serem levadas a visão e escuta das crianças. No mercado editorial existe uma diversidade dessas produções, mas nem todas servem para o fortalecimento ou para ajudar na construção identitária das crianças. Por isso, a análise faz-se necessária para não se reproduzir estereótipos.

### 2.3 HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

As escolas brasileiras devem estar atentas para contemplar as diversas nuances que conformam a cultura negra, uma vez que o Brasil é um país majoritariamente negro, possuidor da maior população negra fora do continente africano (CLAUDILENE SILVA, 2019). Assim, é nossa tarefa estimular as crianças a aprender a conviver, mostrando a elas que vivem num país diversificado, construído a partir de várias culturas e que é preciso respeitar as diferenças.

De acordo com o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (2009):

Nos primeiros anos de vida, os espaços coletivos educacionais que a criança pequena frequenta são privilegiados para promover a eliminação de toda e qualquer forma de preconceito, discriminação e racismo. As crianças deverão ser estimuladas desde muito pequenas a se envolverem em atividades que conheçam, reconheçam e valorizem a importância dos diferentes grupos étnico-raciais na construção da história e da cultura brasileira (PNE, 2009, p.49).

Para que o trabalho com o desenvolvimento do respeito à diversidade cultural tenha o efeito positivo é importante a colaboração tanto da comunidade escolar quanto das famílias, as quais devem ter consciência da relevância das práticas culturais no âmbito das escolas, principalmente na educação infantil, alcançando assim as crianças desde pequenas.

Todavia, é preciso ter em vista que ainda existe uma forte cultura midiática e social, até em ambientes educacionais, que subestimam as crianças negras. Os estudos de Eliane Cavalleiro (2000) apontam que:

Crianças brancas revelaram um sentimento de superioridade, assumindo em diversas situações atitudes preconceituosas e discriminatórias, xingando e ofendendo as crianças negras, atribuindo caráter negativo à cor da pele, ao passo que as crianças negras já apresentam uma identidade negativa em relação ao grupo étnico ao qual pertencem (ELIANE CAVALLEIRO, 2000, p. 10).

É importante que as crianças brasileiras conheçam a história do seu país contada pela visão dos seus antepassados, desde sua vida na África, sua trajetória no Brasil, sua luta, conquistas até os dias atuais assim como a herança cultural que nos foi deixada. Através destes conhecimentos o sujeito toma mais consciência de si mesmo, de sua identidade e da importância do respeito mútuo num ambiente multicultural como nossas escolas. Dessa forma aprendemos a respeitar a todos por onde for.

A LDBEN/1996, em seu artigo 29º afirma que “a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (LDBEN, 1996).

Ou seja, é papel das instituições educacionais públicas e privadas, seguir tais orientações com vistas a auxiliar na formação das crianças desde seu primeiro contato com a escola. Por seu turno, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), asseguram que:

A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulações conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças (BRASIL/MEC, 2010, p.18).

A política Nacional de Educação Infantil parte dessa finalidade para estabelecer como uma de suas diretrizes a indissociabilidade entre o cuidado e a educação no atendimento às crianças da Educação Infantil.

Flávia Damião, em seu artigo “*Primeira infância, afrodescendência e o fazer pedagógico na educação infantil: a força dos espaços vazios*” (2011) nos afirma que:

Enquanto educadoras somos chamadas a criar uma ação educativa que potencialize a fala, a expressão dos sentimentos e idéias que a criança tem sobre o si, sobre o outro, sobre o mundo por meio da oralidade, da escrita, da brincadeira, do movimento corporal, da música, das artes visuais, e de inúmeras outras linguagens. Fazendo a palavra e o movimento de meninas e meninos circular, estaremos fazendo circular afetos e conhecimentos (FLÁVIA DAMIÃO, 2011, p.16).

Este e outros estudos apontaram que existem diversas formas de introduzir a cultura Afro-Brasileira e Africana no âmbito escolar. Para nós, a contação de histórias pode ser um caminho potente para a realização de trabalhos pedagógicos que valorizem a população negra. Essa ação poderá contribuir positivamente para a desconstrução de estigmas e do preconceito disseminado contra o povo negro em nossa sociedade.

O material a ser utilizado na contação de histórias poderá colaborar para que crianças negras construam uma imagem positiva de si e de seu pertencimento étnico-racial. Conforme Bruner, citado por Ana Rita Barbosa, Gabriele Batista, Belisa Amaral e Esteves (2020) o processo de seleção dos contos e histórias deve ter o propósito de contribuir, de forma responsável, para a construção positiva das identidades das crianças.

Delors (2003) argumenta que:

A educação deve, pois, procurar tornar o indivíduo mais consciente de suas raízes, a fim de dispor de referências que lhe permitam situar-se no mundo, e deve ensinar-lhe o respeito pelas outras culturas [...] O conhecimento das outras culturas tornamos, pois, conscientes da singularidade da nossa própria cultura, mas também da existência de um patrimônio comum ao conjunto da humanidade (p.48).

Dessa forma conseguiremos romper com um modelo curricular eurocêntrico, que nega todo o legado intelectual e histórico dos povos africanos, povos estes que fazem parte da identidade cultural brasileira. Pensando a literatura oral e escrita como repertório de referências positivas, Jerusa Silva (2010) nos mostra que:

Uma literatura com proposta de representação do negro que rompa com esses lugares de saber e que possa trazer imagens enriquecedoras, pois a beleza das imagens e o negro como protagonista são exemplos favoráveis à construção de uma identidade e uma autoestima. Isso pode desenvolver um orgulho, nos negros, de serem quem são, de sua história e de sua cultura. (JERUSA SILVA, 2010, p.35).

Nesta perspectiva, Cleia Santos e Maria Regina Silva (2020, p. 667) nos afirmam que é fundamental que os (as) docentes reflitam sobre a diversidade étnico-racial de modo a repensarem suas práticas pedagógicas. A contação de história é uma possibilidade para isso, visto que ela:

[...] é também uma narrativa educativa: ela contém toda uma pedagogia, frequentemente plena de humor, que transmite uma maneira de viver, uma certa qualidade na relação com o outro. Ela ensina, se soubermos escutar, uma sabedoria, uma arte de viver que os mandingas dão o nome de mogoya, que vem a ser a própria dignidade humana (MEYER, 1988, p.5 *apud* BERNAT, 2013, p.47 e 48).

Em outras palavras, contar histórias é um ato educativo, permeado pela sensibilidade e pelo compromisso de mostrar a diversidade de histórias que nos constituem. Daniela Freitas (2011), entende que quando temáticas que exponham as diversas culturas encontradas no Brasil são abordadas de forma frequente em sala de aula, ajudamos a construir nas crianças a ideia de que ela vive num ambiente diversificado, que ela é diferente, em vários pontos, das outras pessoas e que tanto a sua cultura familiar quanto as que as outras crianças vivenciam têm o seu valor, sua beleza e precisam ser respeitadas. Acreditamos que uma prática pedagógica comprometida com a diferença e que se atente para as diversidades existentes em suas salas de aula pode ser fundamental para a construção de uma educação diferenciada e antirracista.

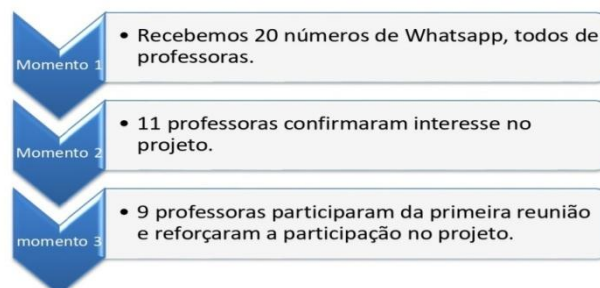
### 3 ESTRATÉGIAS DA AÇÃO

O projeto de intervenção pedagógica teve por objetivo geral compartilhar experiências exitosas com a temática e oferecer repertórios sobre história e cultura afro-brasileira e africana, por meio da contação de histórias a docentes que atuam na educação infantil, para que possam fortalecer seu trabalho pedagógico. Sendo assim, realizamos previamente uma pesquisa de cunho bibliográfico que se orientou pela seguinte questão: como a contação de histórias afro-brasileira e africana na Educação Infantil pode fortalecer a identidade e autoestima de crianças negras?

Em um segundo momento, passamos a construir uma proposta de intervenção pedagógica levando em consideração o contexto pandêmico no qual estávamos inseridas. Concomitante, entramos em contato com a subcoordenadora da educação infantil do Município de Candeias-BA, pelo *WhatsApp*, para explicarmos nossa intenção. A subcoordenadora mediu este primeiro contato com as e os profissionais da educação infantil: repassando as informações que tínhamos fornecido, indicando a ação e perguntando se poderia nos repassar seus respectivos números.

Recebemos 20 números de *Whatsapp*, todos de professoras. Imediatamente entramos em contato para confirmar o interesse das mesmas e marcar um primeiro encontro virtual, pelo *GoogleMeet*. Dessas 20 pessoas, apenas 11 confirmaram interesse e 9 participaram deste primeiro encontro, como mostra a ilustração a seguir:

**Figura 1** - Números de prof<sup>as</sup> interessadas no projeto e confirmação de participação



Fonte: elaboração própria.

Na ocasião da primeira reunião conversamos sobre a temática/ proposta do projeto e a disponibilidade delas em participar. Após este momento, concluímos o projeto e nosso plano de trabalho, adequando-o à realidade das professoras que afirmaram ter interesse em participar.

Posteriormente, encaminhamos para as professoras, por e-mail, um termo de consentimento livre e esclarecimento (Apêndice 1), que explicava do que se tratava o projeto, seus objetivos, como e onde ele seria realizado e as informando sobre seus direitos. Neste mesmo e-mail, enviamos o *link* de um questionário, por meio formulário eletrônico (Apêndice 2), a fim de colhermos mais informações para a produção de dados. Um grupo de *WhatsApp* também foi criado, para facilitar a nossa comunicação.

No meio desse processo houve mais 7 desistências. As professoras entraram em contato conosco pelo *WhatsApp*, em momentos diferentes, para dar suas justificativas. É muito importante que lembremos que estávamos tentando realizar um trabalho de intervenção pedagógica em meio a uma pandemia e no momento as professoras estavam tendo que trabalhar – ou aprender a trabalhar – de modo remoto, para além das questões pessoais que a pandemia de Covid-19 trouxe para cada uma delas. Sendo assim, as justificativas em sua maioria eram as mesmas e tinham ligação direta com o contexto pandêmico, a saber: perda de pessoas do grupo familiar; pessoa da família que se encontrava doente e precisava de cuidados; falta de tempo para conciliar as demandas profissionais e pessoais com as atividades do projeto; depressão ou crise de ansiedade, entre outras.

Desse modo, demos continuidade a nossa ação com 2 professoras. Uma delas compareceu apenas a 1 oficina temática e também desistiu, dando a justificativa de que estava sem tempo para participar, e que dado o cenário de muitas mortes por COVID-19, era tempo de se dedicar e buscar a “face de Deus”. E a outra continuou conosco até o fim das atividades. O quadro a seguir registra a dinâmica de participação das professoras ao longo do processo.

**Quadro 1** - Números de professoras participantes

	Fase 1	Fase 2	Fase 3
	9 Professoras	2 Professora	
Nº de Desistências	7 professoras	1 professora	
Nº de Permanência	2 professoras	1 professora	1 professora

Fonte: elaboração própria.

A professora que seguiu conosco é uma mulher negra de 56 anos, residente da cidade de Salvador-BA, formada em filosofia há 16 anos. Ela atua no campo da educação de Candeias-BA, em espaço escolar e não escolar há 25 anos, mas só nos últimos 5 anos tem sido responsável pela primeira vez, em sua trajetória, por 2 turmas de educação infantil do grupo 4<sup>4</sup>. A professora afirma que nunca participou de uma formação docente referente à temática “História e cultura afro-brasileira e africana” e comentou que só trabalhava a questão em sala de aula, no mês de novembro – Mês da Consciência Negra.

Com as 8 desistências, foi preciso repensar e adaptar algumas coisas do nosso cronograma de atividades e plano de trabalho, pensando agora apenas na realidade da professora que iria seguir conosco. Inicialmente tínhamos planejado 10 oficinas temáticas, sendo 5 delas para conversas embasadas em teorias relacionadas ao tema da intervenção e as 5 restantes seriam para análise de histórias, reflexões coletivas e para a produção de uma proposta pedagógica. Com o cronograma e plano de trabalho adaptado realizamos 9 oficinas temáticas, fazendo as reflexões a cada encontro e a análise em apenas um dia. No que tange ao exercício da proposta pedagógica, julgamos não ser preciso, mas separamos um encontro para explicar e tirar as dúvidas da professora colaboradora.

As atividades foram acompanhadas pela orientadora deste trabalho de conclusão de curso e contaram com a presença de outras colegas de orientação, cujos trabalhos dialogavam com as temáticas: Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana; Arte na Educação Infantil; e/ou Contação de Histórias.

A ação apoiou-se no Projeto de Extensão da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira intitulado Brinquedoteca de Histórias: *contação de histórias e vivências lúdicas de letramento na infância*, como fonte de repertório sobre a temática a ser oferecida a docente participante da intervenção.

O Projeto de Extensão mencionado acima teve início em janeiro do ano de 2020, sob a coordenação da professora Dr. Ana Rita Barbosa, contando com a colaboração de estudantes dos cursos de Licenciatura em Pedagogia e Letras da UNILAB. Ele tem como principais objetivos: 1) oportunizar às crianças vivências lúdicas de letramento a partir das oficinas de leitura e contação de histórias e 2) possibilitar aos estudantes da UNILAB a oportunidade de vivenciar experiências formativas no âmbito do projeto a partir das oficinas realizadas e das

---

<sup>4</sup> Destacamos que embora atualmente a formação em pedagogia seja obrigatória para a atuação na educação infantil, nem sempre foi assim. E em muitos casos, as relações pessoais possibilitavam que essa modalidade da educação fosse assumida por profissionais de outras áreas.

trocas produtivas entre colaboradores da ação e está ancorado em três principais pressupostos, sendo eles:

- 1) a valorização da ludicidade nas práticas educacionais propostas para a infância; 2) a valorização de práticas de leitura e contação de histórias escritas e da tradição oral; 3) a boa escolha do repertório de contos orais e escritos, considerando as particularidades históricas e socioculturais do contexto envolvido, bem como a implementação da Lei 11.645/08- concernente à construção positiva das identidades e a promoção de práticas educacionais decoloniais e antirracistas (ANA RITA BARBOSA, GABRIELE BATISTA, BELISA AMARAL e ESTEVES, 2020 p. 87).

Inicialmente as ações da Brinquedoteca de Histórias ocorriam de forma presencial com crianças de uma escola Municipal de Paramirim (São Francisco do Conde) e no projeto de extensão Facul das Crias UNILAB Malês mas, devido ao cenário pandêmico, as ações foram redimensionadas, passando a ocorrer de forma virtual através das plataformas de áudio do *Spotify* e *SoundCloud*, o que resultou em uma Audioteca de histórias afro-brasileiras, africanas e indígenas<sup>5</sup>. A Audioteca é alimentada periodicamente, e no momento em que este relatório está sendo escrito, comporta 97 podcasts de contação de histórias, que variam entre histórias da tradição oral, histórias autorais das/os discentes que fazem parte do projeto e histórias de livros infantis e infanto juvenis devidamente autorizadas pelas/os autores ou editora, além de alguns poemas.

Atuo nesse Projeto de Extensão, fazendo pesquisas de histórias escritas/ orais e as contando desde o seu início. Atualmente, para além disso, sou responsável pelas redes sociais dele, edição dos *podcasts*, criação das imagens de publicação das histórias, alimentação da Audioteca e, juntamente com a coordenadora, auxilio as/os colaboradoras/es da ação. A Brinquedoteca de Histórias significa muito para mim. Nela tive feridas do passado curadas, por meio do meu reencontro e conexão com a minha ancestralidade. Ela também tem sido uma das principais responsáveis pelo fortalecimento diário da minha identidade. Nela tenho conseguido contribuir para uma educação antirracista e para construção identitária das crianças negras.

A partir do meu envolvimento com o projeto e das várias contribuições propiciadas por ele para o meu processo formativo, através de estudos individuais e coletivos, pesquisas, cursos, dentre outros, foi possível perceber a contação de histórias e a própria Audioteca do projeto como possibilidades potentes para um trabalho pedagógico voltado para a educação das relações étnico-raciais, sobretudo na educação infantil. Foi a partir dessa compreensão,

---

<sup>5</sup> Ver: <https://linktr.ee/brinquedotecadehistorias>

que surgiu a vontade de desenvolver o projeto de intervenção, cujos resultados estamos a apresentar.

## 4 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

As oficinas temáticas tiveram início em julho de 2021 e foram finalizadas em setembro do mesmo ano. No total foram realizadas 9 oficinas, sendo 7 delas com as seguintes temáticas e ocorridas na ordem que segue: 1) História e cultura afro-brasileira e africana na educação infantil a partir da contação de histórias; 2) A imagem do negro na literatura infantil brasileira; 3) A importância da literatura afro-brasileira e africana para a construção da identidade e do reconhecimento histórico na infância; 4) A arte de contar histórias; 5) Memória e tradição oral; 6) Afroletramento e contação de história e 7) Vamos falar de nós e de nossas histórias. Como já mencionado, a 8ª oficina foi utilizada para ouvir a professora colaboradora, para dar orientações, bem como tirar dúvidas sobre a proposta da atividade pedagógica a ser elaborada por ela a partir de uma história selecionada na Audioteca online do projeto de Extensão Brinquedoteca de Histórias da UNILAB, levando em consideração a realidade de suas 2 turmas. E a última oficina para a apresentação dessa proposta.

Os encontros ocorreram virtualmente, por meio do *Google Meet*, 1 vez por semana durante 2 meses. A sua duração variava entre 1h00 à 1h30 e tiveram um formato de roda de conversa. Em 4 deles, contamos com a participação de 4 professores/as convidados/as que trabalham com a Lei 10.639/03 em suas práticas pedagógicas, sendo 1 da Rede Municipal de Lauro de Freitas, 1 da Rede Municipal de Salvador e 2 da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Os encontros também contaram com a orientadora deste trabalho e com 3 estudantes da universidade citada anteriormente, que estavam finalizando os seus trabalhos de conclusão de curso que possuíam temas similares ao trabalhado pelo projeto de intervenção.

### 4.1 OFICINAS TEMÁTICAS

#### **I - Primeira oficina temática: história e cultura afro-brasileira e africana na educação infantil, a partir da contação de histórias**

Iniciei as atividades pedindo para que todas as pessoas presentes se apresentassem. Na ocasião apenas uma professora compareceu. As outras pessoas eram a minha orientadora e outras colegas de orientação.

Logo de início, a professora se mostrou muito entusiasmada com a ação e aberta para dialogar sobre o tema a ser trabalhado.

Num primeiro momento, foi feita uma breve introdução sobre a temática a ser discutida e antes de entrar no assunto, realizei a contação do conto de tradição oral inspirado na filosofia *Ubuntu*, que também se chama *Ubuntu* e falei rapidamente sobre a origem desta filosofia.

Tive a sensação de que a professora se emocionou. Isso foi confirmado quando ela disse que já havia escutado esse conto, mas sempre que escuta, fica emocionada.

Em seguida dei continuidade a nossa conversa, abordando brevemente os seguintes temas: A luta do movimento negro, Lei 10.639 e relações étnico- raciais; Educação eurocêntrica; História da população negra, sua origem, sua importância; A construção identitária das crianças negras; A importância de olhar para as diversas histórias, pois ela não é única; Os vários materiais que encontramos no mercado e a importância de fazermos uma análise dos mesmos; Três preceitos orientadores para a análise dos materiais.

Depois de concluir a minha fala sobre o processo histórico de apagamento da história e cultura da população negra, lancei a seguinte questão?

- E quando a gente não tem acesso a essas histórias, a essa cultura, quando a gente marginaliza essa cultura, quando a gente discrimina essa cultura, quando a gente demoniza essa cultura, o que a senhora acha que acontece?

A professora respondeu:

- Ficamos perdidos.

E em seguida trouxe as seguintes reflexões:

- As pessoas negras aparecem nas novelas brasileiras sempre como empregadas, como traficantes, como uma pessoa mentirosa, ou em um lar desestruturado, sempre em uma situação inferior, nunca como protagonista. Hoje a gente até encontra pessoas negras nas novelas em uma situação melhor, isso é bem raro, mas eu nunca vi uma pessoa negra como protagonista.

Ela também falou sobre a realidade de seus alunos, focando nos cabelos das crianças que são alisados muito cedo e das crianças não quererem ser negras:

- As minhas alunas aparecem na escola com 5 ou 6 anos de idade com o cabelo alisado, elas não gostam de usar tranças, elas não acham bonito. A turma que eu dou aula, a maioria das crianças são negras, outro dia eu perguntei para elas que cor elas eram, e a maioria respondeu que eram brancas. Daí eu disse: vocês não são brancos, não! E eles

responderam que eram da minha cor, aí eu disse: então eu sou negra, e elas falaram: não professora, a senhora é morena, olha o seu cabelo.

O cabelo da professora é cacheado.

Em outro momento, a professora apontou que um dos motivos pelo qual ela é “impedida” de trabalhar com a temática em sala de aula, são os pais. Os mesmos em sua maioria são evangélicos e não aceitam que falem sobre a temática, acreditando que ela irá ensinar sobre o Candomblé para as crianças.

Neste dia, eu também trouxe algumas sugestões de livros que possibilitam o trabalho com as relações étnico-raciais, foram eles: A coleção *Lulu adora a biblioteca* (2019), *Lulu adora histórias* (2018) e *Lulu lê para Zeca* (2020) da escritora Anna McQuinn, *Tanto, Tanto* da escritora Trish Cooke (2008), *Bruna e a Galinha d’angola* da escritora Gercilga de Almeida (2011), *O batuquinho* do escritor Leo Mendonza (2014), *O pequeno príncipe preto* do escritor Rodrigo França (2020), *Minha mãe é negra sim!* da escritora Patrícia Santana (2008), *Meninas negras* da escritora Madu Costa (2010). Também fiz a exibição e apresentação da Audioteca do projeto de Extensão Brinquedoteca de Histórias, e compartilhei o link dela no *chat* da reunião.

Dos livros apresentados a professora conhecia “Tanto, Tanto”. Ela afirmou ter trabalhado com o mesmo em uma de suas aulas e as crianças adoraram:

-Eu conheço “Tanto, tanto”, ele é lindo! Já contei para as crianças, elas adoraram! Mas sabe como é contar histórias para crianças, né? Tem sempre que ficar voltando, mostrando as imagens.

Por fim, apresentei o cronograma com os temas e datas das próximas ações, e respondi algumas questões trazidas pela professora em relação às atividades.

Concluí agradecendo a professora pelo desejo de seguir conosco na proposta apresentada.

## **II - Segunda oficina temática: a imagem do negro na literatura infantil brasileira**

Como na primeira oficina, iniciei a conversa do dia pedindo para que as professoras se apresentassem. Refiz esse processo de apresentação, pois tivemos a participação de mais uma professora de educação infantil e essa por sua vez não conhecia as pessoas que estavam presentes ali. Nesse encontro estavam presentes também a minha orientadora e uma colega de orientação.

Por uma questão ética, a professora que chegou neste encontro será chamada de professora II, e a professora que estava desde o primeiro dia, será chamada de professora I. Vale destacar que neste encontro busquei uma interação maior com as professoras presentes, para que eu pudesse perceber as impressões delas sobre o tema a ser conversado.

Iniciei o nosso diálogo com uma breve introdução falando como o negro era representado na literatura para crianças brasileiras no início do século XX após a abolição da escravatura no Brasil. Focando nos seguintes pontos: A inexistência de personagens negros nos livros antes do século XX e a falta de qualquer tipo de preocupação com a criança negra; A ligação do mercado literário brasileiro com os ideais das classes dominantes; As obras produzidas até a década de 1920, que não traziam personagens negros e quando traziam remetia-os ao recente passado escravocrata; Modernismo e a aparição de personagens negros na literatura infantil, estéril e de forma estereotipada, com caracterizações superficiais e nomes que se limitavam a reforçar a cor de sua pele; Personagens de velhas e velhos negros e o reforço da significação do folclore nacional e da arte da contação de histórias para as crianças.

No último ponto mencionado, perguntei se as professoras lembravam de algum personagem com essas características e elas trouxeram o Sítio do pica-pau amarelo, especificamente os personagens chamados de tia Nastácia e tio Barnabé.

A professora I relatou que sempre achou estranha a forma com que esses personagens eram representados, mas que não sabia explicar essa estranheza. Ela seguiu dizendo que nunca tinha olhado para esses personagens levando em consideração a sua cor.

Já a professora II, falou sobre os comerciais de televisão, de xampu e de fraldas de sua época de menor idade, onde os negros não apareciam. E como a televisão reforçava o tempo todo a estética branca. Ela deu exemplo de como os comerciais de xampu traziam as mulheres brancas com seus cabelos enormes lisos e em como ela ficava pensando que se usasse aquele produto o cabelo dela também ficaria liso e “bonito”, igual o daquelas mulheres, mas isso não acontecia.

Aproveitei a oportunidade e trouxe a imagem do livro de Monteiro Lobato, intitulado como “Histórias de tia Nastácia”, pedi para que as professoras analisassem aquela imagem e em seguida as questioneei sobre o que elas estavam vendo.

Nesse momento elas ficaram em silêncio e foi preciso uns 2 minutos para que a professora I dissesse:

- Não sei bem, parece que ele está fazendo alguma relação de Tia Nastácia com o macaco, repare como o macaco e tia Nastácia tá com o mesmo sorriso.

Questionei a professora II sobre as suas impressões e ela disse que até o momento não tinha nada a dizer. Então falei que de fato, tem uma animalização ali relacionada à figura de tia Nastácia e que isso pode ser observado ao longo da narrativa deste livro. E mostrei algumas falas dessa narrativa, solicitei que alguma das professoras lessem em voz alta, então a professora I fez a leitura da fala do personagem Pedrinho. Em seguida complementei mostrando e lendo a fala da personagem Emília que dizia:

Só aturo estas histórias como estudo da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras — coisa mesmo de negra beijuda, como Tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto. (1937, p. 31).

Tanto a professora I, como a II, relataram que o sítio do pica-pau amarelo fez parte de suas infâncias e até das suas vidas adultas, mas que elas nunca tinham visto essas passagens e que estavam espantadas com tamanha barbaridade. A professora I chegou a chamar a obra e a mente de Monteiro Lobato de perversas, pois nas palavras dela:

- Ele com a mente dele de adulto estava representando uma ideia de uma criança, porque tanto o Pedrinho, quanto a Emília, eram representados como crianças. Que perversidade!

A professora II completou a fala da anterior dizendo:

- Gente, eu estou extremamente besta, eu nunca tinha olhado para isso dessa forma, mas agora que vocês estão mostrando, eu estou lembrando desses personagens e da forma como eles eram representados, eu estou sem palavras.

Continuei a conversa, falando sobre: A ausência de personagens jovens negros nas histórias e o motivo disso; A abolição da escravidão que não gerou uma relação de conformidade entre brancos e negros e a perduração da falsa ideia de uma cor de pele ser superior à outra; O falso modelo de um Brasil moderno defensor de uma ideia de democracia racial. Para concluir, falei sobre o surgimento e dedicação por parte das editoras ao público negro infantil, deixei claro que isso foi fruto de muita luta. E falei sobre os livros e a representação do negro na atualidade.

Por fim, trouxe a contação da história “O presente de Ossanha” para que todas nós realizássemos uma análise. As professoras não conseguiram acompanhar a contação totalmente, por problemas na conexão de internet, mas fizeram um resumo do que observaram.

A professora I fez uma observação, dizendo que o menino negro, chamado de “moleque” na história, era tratado como um objeto, alguém que tinha sido comprado para brincar com o filho de seu dono. Ela disse que o filho do dono, tinha nome, e podia brincar, tinha liberdade para ir e vir, enquanto o “moleque” era privado de liberdade.

A professora II disse que realmente não conseguiu acompanhar a contação, pois tinha ficado baixo no celular dela. E que estava tentando acompanhar as imagens ao mesmo tempo em que ouvia então acabou não tendo muita coisa para dizer, mas disse que iria rever essa contação.

Fiz algumas perguntas, sendo as principais:

1- As senhoras acham que esse livro representa de forma positiva a população negra?

As professoras responderam de uma só vez:

-De jeito nenhum!

2-Leriam para as crianças?

A Professora I respondeu:

-Nunca!

Enquanto a professora II ficou em silêncio.

Para findar a nossa conversa, devido o tempo, pontuei rapidamente as coisas com que fiquei incomodada, como o fato de o menino negro ser chamado de “moleque” o tempo todo, não ter família e o termo escravo ter sido usado com naturalidade e a inversão de quem era a vítima comprado para ser brinquedo do filho do senhor, fora a humanização apenas do personagem branco.

De forma complementar, a professora Claudilene fez algumas considerações muito relevantes para a nossa reflexão. Ela disse que O presente de Ossanha é uma crítica ao sistema escravocrata, ao qual os negros escravizados eram submetidos. Ela também disse que o menino chamado de “moleque” não está sendo representado como uma criança e sim como um objeto.

Encerrei o encontro agradecendo as professoras pela disponibilidade e pelo desejo de colaborar conosco.

### **III - Terceira oficina temática: a importância da literatura afro-brasileira e africana para a construção da identidade e do reconhecimento histórico na infância**

Neste encontro contamos com a participação da professora da Rede Municipal de Salvador, Taisa de Sousa Ferreira. Ela é pedagoga, doutoranda em educação, pesquisadora e

professora praticante da afrocentricidade na rede municipal de Salvador e criadora da página @profa.taisaferreira e do grupo Mawakana experiências educativas afrocentradas, projetos onde ela compartilha e troca experiências educativas. Por trabalhar com a perspectiva afrocêntrica, a professora Taisa, optou por adaptar o nosso tema, trocando as palavras literatura afro-brasileira e africana, por literatura afrocêntrica.

Na ocasião estavam presentes, a professora colaboradora, duas colegas de orientação e a orientadora deste trabalho de conclusão de curso.

Inicialmente fiz uma breve fala de apresentação, não deu para que todas se apresentassem uma por uma, dado o horário, então fiz a apresentação das pessoas presentes neste encontro e passei a palavra para a professora Taisa.

A professora Taisa, optou por fazer esse diálogo utilizando slides. Iniciou a sua fala recitando um provérbio Haussa, que diz o seguinte: “Enquanto não houver leões historiadores, a glória sempre irá para o caçador”. E seguiu fazendo a sua apresentação, compartilhando conosco os motivos que a levaram a trabalhar com essas questões, sendo eles: A sua ancestralidade e construção familiar; as situações cotidianas da escola em que ela trabalhava; os movimentos de pesquisa *in loco* (escuta, observação, registros); Movimento de intervenção a partir de estudos, pensamentos, sentimentos e intercâmbio de saberes; Curso de educação em base africana; Nomeação de práticas. Taisa nos contou que já trabalhava as relações étnico-raciais em sua prática docente, mas não sabia. Passando a descobrir posteriormente através de cursos e estudos, os quais a levou para o trabalho numa perspectiva afrocentrada.

Dado o momento de apresentação, Taisa nos fez a seguinte pergunta: De que forma as questões étnico-raciais estão presentes nas suas práticas educativas?

Para quebrar o silêncio e deixar a professora colaboradora, a vontade, comecei a falar. Em seguida, a mesma disse que trabalha a questão apenas no mês de novembro, com desfiles, contação de história e trazendo imagens de pessoas negras importantes para o conhecimento das crianças. Ela também disse que antes não sabia a importância de se trabalhar com a temática durante todo ano letivo, mas que a partir de nossos encontros, começou a refletir sobre as situações cotidianas da escola onde trabalha e agora se sente incomodada por essa temática ser trabalhada apenas em novembro. Ela seguiu agradecendo a oportunidade de participar do projeto.

A professora convidada seguiu dizendo que essas indagações nos ajudam a olhar para nossa prática pedagógica e pensar nos caminhos e nas potencialidades, para construir uma prática educativa através de elementos que se conectem com a identidade e história de nossas/os estudantes ou mesmo as nossas como docentes, quando pretas/os. Ela nos disse

também, que essa prática é sobre a inserção da literatura preta na sala de aula, mas não apenas sobre isso, “afinal existem vários fatores a serem considerados quando pensamos a organização dos processos de aprendizagem em contexto de alfabetização. Desde a concepção teórico-metodológica que orienta nossa prática, passando pela definição de conteúdo e estratégias pedagógicas, pelo reconhecimento das especificidades dos sujeitos envolvidos no processo de alfabetização, até a organização do ambiente”.

A professora convidada também falou sobre a “Socialização, construção da identidade e desenvolvimento”, e trouxe algumas constatações de Eliane Cavalleiro (2003), Oliveira (2010) e Santiago (2019). Fez várias perguntas para as nossas reflexões. A diante falou sobre a literatura afrocêntrica como caminho para fortalecimento da identidade infantil, sobre a narrativa a partir de três pontos: Contexto, Necessidade, Potencialidade. E nos instruiu para realizar a seleção de literatura infantil a partir destes mesmos pontos.

Taisa também falou sobre a importância de se adotar movimentos de cuidado, pois este “propicia a condução das/dos estudantes a olhar para si, para família e comunidade através dos seus próprios olhos, construindo ferramentas para autodefinição, autoconceito positivo, compreensão de seu lugar enquanto continuidade ancestral e compreensão da existência de diferentes legados sociais para as crianças não pretas. Além de permitir a escuta e o acolhimento das necessidades emocionais, intelectuais, afetivas, entre outras, das crianças pretas”.

Por último a Professora Taisa, mostrou algumas imagens de seus alunos e de algumas práticas adotadas por ela em suas atividades educativas, que ela denominou de “Práticas de leitura e de escrita e construção da experimentação literária afrocêntrica”. A exemplo: Ciranda da leitura; Circuito de aprendizagens sobre literatura infantil preta; Intercâmbio de leitura; Diário de visita; Roda literária; Desafios da leitura; Viagens com a literatura; Descanso/Pausa com a leitura; Leitura livre; Estrelas literárias. A convidada nos contou que essas práticas têm resultado na construção de livros autorais sobre o conhecimento das famílias, em roda literária de protagonismo, em cuidados afetivos na infância, na valorização do cabelo, nas práticas de pesquisa, dentre outros.

Todas ficamos bem impactadas com as falas da professora, Taisa, eu fiquei muito emocionada, tive vários gatilhos da minha infância dentro do ambiente escolar e relatei isso. O meu relato foi o mesmo da minha colega de orientação, nós duas somos negras.

Deixamos a palavra com a professora colaboradora e a mesma fez relatos muito interessantes. A professora reconhece que as crianças negras ganham um tratamento diferente. Ela nos disse que as crianças brancas são chamadas com carinho, são tratadas com afeto

enquanto as crianças negras não recebem isso. Ela disse também que isso acontecia em sua sala de aula, quando a diretora da escola ia até lá, e via uma criança de pele clara fazendo algo, como estar em pé, ela falava, sente meu amor, ou minha linda, mas quando era uma criança negra, ela falava, sente aí menino! Por esses tratamentos diferenciados e por outros, ela relatou que pediu para que ninguém mais entrasse em sua sala de aula para falar com seus alunos. E pediu para que se tivesse algum aviso, para dizer pra ela, pois ela sabia como tratar os seus alunos.

Ela também falou de uma criança do sexo feminino que faz parte de sua turma, que estava sendo ridicularizada pelos seus colegas por ser retinta e ter o cabelo crespo e em como ela procurou fazer essa intervenção com as crianças através de imagens de pessoas negras com as mesmas características da criança que estava sendo ridicularizada. A professora contou que levou essas imagens para sua sala de aula, e colocou nas paredes e portas

Outra situação compartilhada pela professora, foi sobre uma criança negra do sexo masculino, que também estava sendo ridicularizada por outras crianças da turma por estar sempre gripado. Segundo ela, essa criança dormia a aula toda, chegava, sentava na cadeira, dobrava seus braços sobre a mesa, colocava a cabeça e dormia. A professora falou que aquela situação a incomodou e ela procurou a mãe do aluno e ela disse para o deixar dormir. Até que um dia, a professora chegou perto da criança e ela estava queimando em febre. Ela ligou mais uma vez para a mãe e recebeu a mesma resposta, “deixa ele aí”. A professora disse que ficou tão preocupada que levou a criança até o hospital, retornou para a escola com a criança nos braços, o colocou deitado e ele voltou a dormir. Ligou para a mãe ir buscar, e quando ela chegou, falou:

\_ Ele tá ali, mãe, na sala.

A professora relatou que acreditou que a mãe pegaria a criança nos braços com carinho e levaria pra casa, mas o que a mãe fez foi falar para o menino levantar logo e andar. A professora nos disse que aquela cena a deixou tão revoltada, e que a partir daquele dia, acabou desenvolvendo uma grande preocupação com aquele aluno e buscou se aproximar dele, envolvê-lo em atividades para que ele não ficasse mais sozinho dormindo. Essa aproximação a fez perceber que o menino de apenas 4 anos de idade, tinha todos os seus dentes podres. O que a deixou mais preocupada ainda. Ela finalizou dizendo que isso tudo aconteceu antes da pandemia e que agora não tinha mais contato com esse aluno, devido ao afastamento social.

Como fiquei muito impactada com esse relato, não consegui emitir um comentário, então a professora Taisa, percebendo, nos fez refletir sobre “como essa mãe negra, foi

cuidada, ela também deve ter recebido o mesmo tratamento ao longo de sua vida e agora está reproduzindo, o que podemos fazer é acolher”.

Em algum momento enquanto falava da escolha dos livros, a professora Taisa, falou sobre o livro “Menina bonita do laço de fita”, que pode no passado ter sido um livro que trouxesse a figura do ser negro em uma outra perspectiva, mas que atualmente, ela não leria esse livro para nenhuma criança, pois ele não serve para o fortalecimento da identidade de nossas crianças.

Finalizamos a oficina agradecendo a professora Taisa pela generosidade e aceite de nosso convite. E a professora participante, por mais um dia de colaboração.

#### **IV - Quarta oficina temática: a arte de contar histórias**

Neste dia contamos com a participação da professora da rede municipal de Camaçari, e escritora, Ana Fátima. Tivemos a presença da professora colaboradora, da professora Claudilene e de duas colegas de orientação. A professora Ana Fátima ensina nos anos finais do Ensino Fundamental II, é formada em letras, mestra em linguagens e doutoranda em literatura infanto juvenil e autoria em temática negra.

Depois de uma breve apresentação das pessoas presentes neste dia, foi passada a palavra para a professora convidada, que iniciou falando sobre os caminhos que a levaram a pesquisa e antes da pesquisa a autoria e a escrita. Ana Fátima nos disse que teve um grande incentivo quando estava na quarta série, de uma professora e não sabe se foi influenciada por ela, para ter escolhido a mesma profissão, mas que teve um grande incentivo tanto para estudar, quanto para escrever. Pela descrição a partir das lembranças de Ana, a professora era negra e tinha um cabelo crespo, o qual a mesma repartia ao meio e fazia duas tranças que se encontravam ao final “eu achava tão lindo aquele penteado dela, uma vez ou outra ela mudava e ia enrolando pra dentro e no final fazia um coque, aquele cabelo dela, bem crespo me energizava, eu também usava minhas trancinhas”.

Ana nos relatou que quando essa professora percebeu que ela tinha uma certa habilidade com a escrita, a partir de uma atividade de redação e produção de texto passou a incentivá-la a escrever. Uma frase da professora que ela diz ecoar em sua cabeça era “você já é uma escritora, e eu quero ler os seus livros um dia”. Naquela época Ana tinha 10 anos e disse que aquilo a impactou tanto, que ela guarda até hoje a atividade, que era um livrinho.

A partir disso, ela começou a escrever histórias de bichinhos, depois quando ficou adolescente, sobre o amor da adolescência, teve uma menina como protagonista, que era ela

própria, e tudo isso nos restos das folhas de seus cadernos que sobravam ao fim do ano, com a administração de sua mãe. Com 15 anos ela parou de escrever, porque as pessoas começaram a dizer que ela tinha que começar a pensar em sua profissão, e ser escritora não era profissão. Retornando para a escrita aos 20 anos de idade, quando começou a ter contato com escritores negros. No mestrado Ana se inscreveu para um concurso literário para ver se a sua escrita era realmente boa, “aquilo pra mim era determinante e isso é uma marca do racismo institucional”.

Incomodada com as escritas e contações de histórias com personagens brancos de nariz afinado e todas as características da branquitude, e sabendo que elas não representavam a população negra, em 2014 a professora convidada decide retomar a sua escrita infantil, mas ainda não sabia como, nem que caminho trilhar, mas começou as pesquisas. Nessa época ela estava fazendo o mestrado em educação escolar quilombola, em Santiago, próximo a Cachoeira e vivenciou a realidade de três escolas, 2 estaduais e 1 municipal, e parou para analisar os materiais didáticos e paradidáticos, e livros que eles utilizavam, foi aí que ela percebeu que os livros didáticos não representavam a população negra de forma positiva e sentiu a necessidade de escrever sobre a identidade negra, a fim de contribuir com a literatura preta infantil.

A professora convidada, naquela época estava grávida de uma criança negra, e segundo ela, isso foi uma de suas maiores motivações “eu queria trazer uma literatura negra positiva para o meu filho e para outras crianças com as mesmas características dele. Queria que ele visse em nós, pessoas negras, uma continuidade de nossas raízes, ancestralidades africanas, como um legado, como realmente é essa representação positiva de nós, na literatura, nas artes, na religião e o cabelo seria a metáfora. Eu não queria que ele visse nossos cabelos como maltrapilhos, desarrumados, mal-cuidados”.

Em seguida, ela foi falando que essas razões culminaram em seus livros: As tranças de minha mãe, Makeba vai à escola e Tundé e as aves misteriosas. Ana nos relatou, como aborda a ancestralidade negra dentro da literatura e como trabalha com a contação dessas histórias em sala de aula, com as crianças e seus familiares. Quando foi abordado este último ponto, a professora colaboradora, se mostrou interessada em saber como as famílias reagiam ao trabalho com essas temáticas, e fez a seguinte questão:

-Quais foram a aceitação dos pais com você trazendo para a sala de aula, essas questões da história da África, da questão da identidade negra? Você trabalha com crianças negras ou é uma sala mista, com crianças negras e brancas?

Outro ponto trazido por ambas as professoras, foi a questão das crianças já apresentarem um conhecimento sobre o cristianismo, e não deixarem passar despercebido, falas que vão contra a ideia do “Deus todo poderoso, criador de todas as coisas”. A professora colaboradora se mostrou muito preocupada em tocar nessas questões, pois ela não sabe/soube reagir quando acontece/aconteceu uma situação dessas em sala de aula.

Finalizamos a oficina agradecendo a professora Ana Fátima, pela troca generosa, e pelo aceite de nosso convite. Agradecemos também a professora colaboradora pela parceria.

## **V - Quinta oficina temática: memória e tradição oralidade**

Para esta conversa, recebemos o professor Dr. Bruno do Amaral, para discorrer sobre a temática. Na ocasião, estavam presentes a professora colaboradora e a orientadora deste trabalho de conclusão de curso.

Iniciamos o nosso encontro como de costume, e passamos a palavra para o professor Bruno. Ele deu início ao nosso diálogo, fazendo a exibição de um vídeo curto<sup>6</sup>, do professor Dr. Silvio de Almeida, disponível no *Youtube*, intitulado como: As estratégias de sobrevivência através da oralidade. Nele o professor Silvio aborda de forma breve os seguintes temas: Oralidade como um campo de saber diverso; A relação da oralidade e o Brasil; A oralidade africana; Oralidade como transmissão de cultura; A oralidade e a escrita; Ancestralidade e oralidade; A oralidade como a necessidade do outro.

Dado a este momento, o professor Bruno, nos convidou a trazer considerações sobre o vídeo exibido. Sendo assim, a professora fez uma consideração sobre a importância da oralidade, também para o processo inicial da criança pequena, e como a oralidade perdura a vida toda. Ela também ressaltou que os nossos ancestrais transmitiam os seus conhecimentos por meio da oralidade.

O professor seguiu com a nossa conversa, falando sobre a diversidade, trazidas no vídeo pelo professor Silvio, que envolve as expressões da oralidade e em como ela está presente em nosso dia a dia hoje, a exemplo da nossa comunicação por meio das redes sociais.

A professora Claudilene fez uma colocação muito importante, sobre a relação entre a oralidade e escrita. Ela nos fez lembrar que a oralidade não é uma coisa do passado, “em geral a gente tem essa ideia, toda vez que a gente fala da oralidade e África é como se só houvesse som e que isso não pudesse ser transposto para a escrita”.

---

<sup>6</sup> Ver: [As Estratégias de sobrevivência através da oralidade - | 08 minutos.](#) Acesso em: 23 de Julho de 2021

A partir do texto de Amadou Hampaté Bâ, intitulado como “A tradição viva”, o professor nos fez uma provocação sobre a palavra “tradição”. Foi dito por ele, que por muitas das vezes o conceito de tradição vem carregado de alguns sentidos, de alguns preconceitos, dentro de uma certa linha de pensamento que se produziu a partir de um certo momento do pensamento científico, que associou a ideia de tradição a irracionalidade, ao não pensamento, a mera repetição. O mesmo seguiu afirmando a importância de desconstruir essa ideia da tradição, para que possamos pensar como a tradição oral produz saber.

Outro ponto trazido, que é muito pertinente para pensarmos a história e a memória, é o papel da memória para produção do conhecimento oral. A memória também foi associada, a partir de uma certa perspectiva que eleva a escrita como a única forma de registro válido, no conhecimento, das experiências do passado, a memória foi associada de forma dominante, a incerteza, ao que é impreciso, ao que é enviesado, que é marcado pela subjetividade, então dentro dessa visão, a história enquanto campo do conhecimento científico, seria um discurso que estaria próximo da ideia de verdade, já a memória seria algo marcado pela subjetividade.

A história escrita, as fontes escritas, elas também têm o seu viés, as interpretações que são dadas às fontes. Dentro do campo da produção, a história também é um discurso atravessado por relações de poder, com uma certa intencionalidade política, ou seja, uma certa proposta de situar uma certa visão de mundo em meio a desigualdade, relação de dominação, perpetuar as relações de dominação. A memória assim como a escrita possui especificidade, então é preciso não invalidar a memória.

O professor, também abordou em sua fala, os seguintes pontos: A história como reabilitadora da memória; A oralidade como uma prática de escuta; Atualização do conhecimento oral; Separação entre individual e o coletivo; Escrita e oralidade, chamando atenção para o tempo de ambas; Biblioteca viva; Oratura; O poder da palavra.

A professora colaboradora fez um relato sobre ter percebido o seu trabalho, com uma das possibilidades da oralidade, que foi a capoeira, a partir do que foi abordado neste encontro. A mesma relatou ter feito uma atividade com um grupo de pré-adolescentes, onde ela convidou mestres da capoeira para fazer uma atividade com os estudantes. Até então, a professora afirmou não ter percebido o conhecimento presente na capoeira, que essa percepção só veio através das falas do professor Bruno.

Finalizamos o nosso encontro agradecendo ao professor Bruno pela troca generosa e pelo aceite de nosso convite. Agradecemos também a professora colaboradora por mais um dia de participação.

## **VI - Sexta oficina temática: afro-letramento e contação de histórias**

Para essa conversa, contamos com a participação da professora Dr. Ana Rita Barbosa. Na ocasião estavam presentes, a professora colaboradora, uma colega de orientação e a professora Claudilene.

A professora Ana Rita, optou por fazer o uso de slides para guiar a nossa interação. Exibindo a imagem da Sankofa, ela nos fez refletir sobre a importância de nos olharmos, olharmos para a nossa história e para a nossa ancestralidade antes de trabalharmos com essa temática em sala de aula, e olharmos para nossas práticas pedagógicas dentro da escola e pensarmos como elas dialogam com o que está fora da escola.

Antes de aprofundar no tema, a professora trouxe resumidamente o conceito de letramento e letramento emergente, fazendo link com a contação de histórias e o conceito de alfabetização. Ainda neste ponto, trouxe algumas maneiras de se formar bons leitores pensando especificamente no letramento e dos múltiplos letramentos. Só depois disso, trouxe o conceito de afroletramento, baseando-se nos estudos de Elisabete Nascimento (2010) e explanou sobre o tema.

Dado momento, nos fez as seguintes provocações: Quais textos vocês ouviram/leram/tiveram acesso durante os seus processos de alfabetização? Como se deu o letramento e afroletramento de vocês? Quais experiências vocês vivenciaram?

Em resposta a professora participante da intervenção, compartilhou conosco que embora sua bisavô não tenha sido alfabetizada, ela lhe contava muitas histórias e ditos populares.

Dando continuidade, a professora convidada nos fez mais uma provocação, dessa vez sobre os impactos na vida das crianças pequenas, causados pela falta de acesso a uma literatura afro-brasileira, africana e indígena, e sobre a nossa responsabilidade como educadoras neste processo.

Outros pontos abordados por nossa convidada foram: contação de história e construção da identidade; o afroletramento para além de alfabetizar e letrar; Afroletramento docente.

Abrindo para o diálogo a professora nos fez as seguintes questões: Como desenvolver o afroletramento a partir de histórias e/ou outros gêneros textuais? Quais experiências e práticas pedagógicas de afroletramento já estamos desenvolvendo em nossos contextos escolares?

Em resposta, a professora colaboradora, fez quatro comentários muito interessantes. O primeiro foi sobre ela perceber a necessidade que as escolas que ela conhece, sobretudo as de Candeias, incluindo a que ela trabalha, realizarem “mais este processo de afro-letramento e da questão de as crianças terem a identidade de si, através da consciência afro, porque o que nós trazemos muito para a sala de aula é aquele ensino europeu. Ao invés de estudarmos o que acontece no nosso contexto, nós trazemos sempre situações que não tem nada a ver com a gente. Nossos livros mesmo, ele retrata muitas questões que não tem nada a ver com o que nós temos aqui, no recôncavo. E assim, desde que eu fui convidada para participar desse projeto, essas questões começaram a me inquietar, eu já não sou mais a mesma pessoa que chegou aqui no primeiro dia de encontro com vocês. Tanto que hoje, eu mandei uma história afro, aquele conto Ubuntu, para as minhas crianças, no grupo de *WhatsApp*, só que até agora ninguém me respondeu nada, mas mesmo assim eu já comecei a provocar”.

O segundo foi sobre o estranhamento de uma professora, ao tomar conhecimento do trabalho com o conto ubuntu “tem uma colega que eu e ela trabalhamos em parceria e ela me disse assim: -semana do estudante você vai mandar isso que é da consciência negra? Aí eu coloquei pra ela: -Não colega, eu to colocando para as crianças, uma história que faz parte do dia a dia”.

O terceiro foi um retorno para as nossas atividades, “depois dos nossos encontros, toda vez que eu vou organizar as minhas aulas, eu tenho ficado muito inquieta, com o que eu vou está passando para as minhas crianças, que a grande maioria são negras. E mesmo assim, nós continuamos levando aquela educação de embranquecimento e esquecendo de nós, enquanto afrodescendentes. Então essa provocação para mim tem sido maravilhosa, eu já estou mudando o meu jeito de pensar. Inclusive, eu acho incrível a forma que essas temáticas têm sido abordadas aqui, falamos de temas tão complexos de forma leve”.

E o quarto foi sobre a formação de professores. A professora nos informou que as formações referentes a temática do projeto de intervenção que estava sendo realizado, não são direcionadas aos professores e sim as pessoas que trabalham na secretaria de educação, para que estes repassem o que aprenderam para os professores, mas que isso não acontece, “e nós em sala de aula, ficamos de fora da formação”.

Finalizamos a oficina agradecendo a professora Ana Rita pela partilha generosa e pelo aceite de nosso convite. Agradecemos também a professora colaboradora pela presença.

## VII - Sétima oficina temática: vamos falar de nós e das nossas histórias

Neste encontro convidamos a professora colaboradora, para dividir conosco um pouco da sua vivência enquanto educadora, e também para falar sobre as suas turmas de educação infantil, sobre a escola em que trabalha, e como ela vem trabalhando com a “História e cultura afro-brasileira e africana” em sua prática pedagógica. Na ocasião, estavam presentes a professora Claudilene e três colegas de orientação.

Neste dia em especial, percebemos que a professora estava mais arrumada do que o habitual. Percebemos também, um certo nervosismo e receio em dizer algo que fosse contra ao que conversamos nas rodas de conversas anteriores.

A professora inicialmente fez uma narração sobre a sua trajetória trabalhando no campo da educação. Primeiro sobre uma escola de partido, onde era responsável pelas turmas de alfabetização, com crianças de 6 anos, e trazia em sua prática pedagógica as relações étnico-raciais. A mesma nos contou que nessa escola existia um Projeto Político Pedagógico que inclui a temática, com isso ela trabalhava a questão através de jogos, contos, histórias, música e filmes. Nas palavras dela “para que a criança que não se via na mídia, se visse na escola, tendo em vista que a grande maioria eram negras. E eu comecei a perceber que as crianças começaram a se ver dentro desse contexto, começaram a se perceber como elas eram, com o cabelo crespo, com as tranças, com os cocozinhos, e elas começaram a se sentir lindas, porque nós trazíamos muito isso, buscávamos melhorar a autoestima delas”.

Atuando pela primeira vez na educação infantil, na escola onde atualmente trabalha, a professora precisou reaprender tudo, pois segundo ela “os alunos estão muito espertos, eles não aceitam mais qualquer coisa”. Nessa turma a mesma começou a trabalhar com a contação de histórias, utilizando os poucos livros que a escola possuía, que em suma não abordavam as questões étnico-raciais, com histórias que não dialogavam com a realidade dos alunos e com personagens em sua grande maioria brancos.

A professora relatou que enquanto na escola anterior ela tinha acesso a todo momento ao Projeto Político Pedagógico, nesta, embora ela já trabalhe há 5 anos, nunca viu o mesmo. Quanto ao trabalho pedagógico voltado para as relações étnico-raciais, a professora nos disse que o mesmo só acontece em novembro, e nos mostrou um trabalho desenvolvido por ela, antes da pandemia nesta época.

Também foi trazido por ela, algumas dificuldades encontradas para trabalhar a temática agora, num contexto pandêmico, que são: a grande parte dos pais não têm internet; os pais que possuem internet não se interessam pelas atividades das crianças. E as

dificuldades tanto no contexto pandêmico como em tempos ditos normais, que são: os pais evangélicos que acreditam que o professor está ensinando coisas sobre o candomblé aos seus filhos; a maioria dos professores serem também evangélicos, e não se interessam em trabalhar a temática “mesmo sabendo que as crianças em sua maioria negras, fazem parte disso e que ela precisa aprender”; e a própria instituição que não faz o movimento de incentivar o trabalho com a temática.

Quando questionada sobre o último ponto, ela nos informou que os projetos já chegam da secretaria da educação, prontos, para os/as professores/as desenvolverem. Mas o projeto que aborda as relações étnico-raciais só é mandado no mês de novembro. De acordo com ela “a secretaria manda o projeto, mas não manda como os professores podem estar trabalhando em sala de aula, nem dão suporte a nível material e financeiro. Se a gente quiser fazer algo, temos que tirar dinheiro do nosso próprio bolso para fazer”.

Outros pontos trazidos pela professora, que julgamos de suma importância foram: o tratamento diferenciado que as crianças recebem. Segundo ela, as crianças brancas são bem acolhidas, já as crianças negras não, e que inclusive elas são deixadas de lado. Nas palavras dela: até mesmo na hora de falar quando a criança está brincando, com a criança negra é:

-Menino, pare, fique quieto!

Com o outro é:

-Oh meu amorzinho, não pode agir dessa maneira.

O racismo presente no comportamento das crianças pequenas, “eles não aceitam o outro, não querem o outro próximo, porque o outro é mais pretinho, e quer sentar só com aquele que tem a pele mais clara, eu vou dividir meu lanche com aquele que tem a pele mais clara, com o outro não. E na maioria das vezes, aquele outro não tem nenhum lanchinho, não tem nada”. Ela também partilhou conosco as estratégias que vem adotando para intervir tanto nessa situação, quanto na anterior, mas nos disse, que nem sempre tem um resultado positivo.

E a agressão física e verbal que as crianças recebem em casa e reproduzem na escola com outros colegas. A professora relatou que quando tenta intervir nessas situações, seja para colocar a criança “no cantinho do pensamento”, ou para reuni-las para um diálogo, os pais vão até a escola, “encher tanto” ela, quanto a diretora de “liberdade”. Quando provado que a criança de fato fez algo “errado”, o responsável torna a responder com agressão.

No que tange a contação de histórias, a professora nos contou que percebeu que normalmente as crianças, depois de ouvirem uma história, traziam coisas para a roda de conversa que normalmente não contavam aos pais. Para exemplificar, ela nos trouxe uma

situação de espancamento que uma criança vinha sofrendo, e após a contação de história o mesmo se sentiu à vontade para lhe contar.

Encerramos este encontro agradecendo a professora colaboradora pela partilha generosa e por tornar a realização da intervenção possível.

### **VIII Encontro - Apresentação da proposta de atividade pedagógica**

Este encontro foi destinado para a apresentação de uma proposta de atividade pedagógica, elaborada pela professora colaboradora, trabalhando a temática do projeto. Nessa proposta a mesma teria que escolher uma história na Audioteca do projeto de Extensão Brinquedoteca de Histórias e a partir dela, criar uma atividade, pensando na realidade de suas turmas.

Como éramos um grupo pequeno, resolvemos que não somente a professora, mas que todas as pessoas presentes deveriam realizar a atividade e sua apresentação. Com isso, não tínhamos a intenção de ensiná-la a trabalhar a temática a partir da contação de histórias, mas sim, deixá-la à vontade.

Neste encontro estavam presentes a professora Claudilene e a professora colaboradora. Sendo assim, eu e a professora Claudilene realizamos a apresentação de nossas propostas de atividade, a partir das histórias: *Lulu adora histórias*, de Anna McQuinn (2018) e *Festa de aniversário*, de Lourdes Salvador (2021). Como nosso projeto foi realizado com a professora, detalharemos apenas a proposta realizada por ela.

A história escolhida pela professora não está na Audioteca da Brinquedoteca, mas ainda assim, dialoga com o que propomos. A professora optou por utilizar a história “Cada um do seu jeito, cada jeito é de um” de Lucimar Rosa Dias (2012). Ela nos contou ter escolhido essa história, porque se lembrou de uma aluna, negra de cabelo crespo, que ia para a escola todo dia com um penteado diferente. E mesmo quando os colegas diziam coisas negativas sobre o cabelo dessa criança, ela rebatia dizendo que o seu cabelo era lindo.

A professora nos informou que quando teve acesso a história mencionada anteriormente, ela viu muitas possibilidades de trabalhar em sala de aula, como por exemplo: trabalhar a questão da família e os nomes dos componentes da família.

A seguir, veremos as propostas de atividades elaboradas pela professora:

Objeto do conhecimento: oralidade, escrita espontânea, gênero textual, expressão artística.

Campo de experiência: Eu, o outro e o nós. Corpo, gestos e movimento.

Habilidades tendo como referência a BNCC:

- Demonstrar a valorização das características do seu corpo, e respeitar as características dos outros, crianças e adultos com as quais convive.
- Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos.

Objetivos de aprendizagem: Identificar traços físicos em pessoas a sua volta; ouvir atentamente histórias contadas; valorizar diferentes características físicas existentes no grupo familiar; demonstrar atitudes de respeito a diferentes manifestações culturais; recontar histórias do seu jeito.

### *Proposta 1*

Após contar a história, questione as crianças sobre as características físicas de Luanda, pergunte sobre seus cabelos, sua cor, sua altura, e ajude as crianças a observarem em si mesmas e nos colegas, características semelhantes. Logo, após, explique para as crianças que as características físicas de Luanda, se parecem muito com as da sua família, que ela tem características do pai, características da mãe, e é isso que forma as características físicas dela, a mistura do pai com a mãe. Aproveite para perguntá-las se tem alguém da família delas que parece com Luanda, se ela se parece com Luanda, se ela gosta de estudar, se ela se considera inteligente, que conhece as coisas, se gosta de conhecer, se gosta de perguntar, porque Luanda gosta muito de perguntar.

As questione também sobre os seguintes pontos da história: De que fala a história? Qual o personagem principal da história? O que ela mais gosta de fazer? Como são os seus cabelos e como ela gosta de usá-los? Qual a origem do nome de Luanda? Quem lhe deu esse nome e por quê?

Neste momento, aproveite a questão da origem do nome de Luanda, para falar sobre a África. Fale que Luanda é a capital de Angola, e Angola é um dos vários países do continente africano, e que o pai de Luanda viajou para lá, e que lá tem costumes diferentes e nesse contexto vá desenvolvendo a aula.

Além de trabalhar as questões das características, traga também o brincar. Pergunte para as crianças se elas gostam das brincadeiras de Luanda, se conhecem, e se já brincaram.

Peça para a família da criança, pesquisar com ela, brinquedos e brincadeiras de origem africana que nós brincamos aqui no Brasil.

### *Proposta 2*

Após contar a história “Cada um do seu jeito, cada jeito é de um”, peça para que a criança desenhe e pinte bem bonito e colorido, a parte da história que ela mais gostou. Com o

desenho finalizado, peça que ela recontre em suas próprias palavras a parte da história que ela mais gostou.

*Proposta 3*

Leve a criança para a sala, e em frente a um espelho, peça para que ela observe as suas características físicas, como: seus olhos, seus cabelos, a cor de sua pele. Feito isso, entregue uma folha de papel, para que ela, com a ajuda de um adulto, faça um autorretrato.

Finalizamos este encontro, nos despedindo e agradecendo a professora colaboradora por ter ficado conosco até o fim.

## 5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Como já foi mencionado neste trabalho de conclusão de curso, 9 professoras da educação infantil de Candeias- BA, confirmaram participação no projeto de intervenção pedagógica “História e cultura afro-brasileira e africana na educação infantil a partir da contação de histórias”. Inicialmente, elas demonstraram estar interessadas na ação, mas este interesse ou disponibilidade não prevaleceu.

A professora que colaborou conosco se mostrou muito alegre, entusiasmada e interessada pela nossa ação desde o primeiro momento em que entramos em contato com ela através do *Whatsapp*.

Do início ao final das oficinas temáticas, a professora se manteve motivada e aberta para os temas que discutimos. Esses diálogos e abertura nos deram indícios de que a professora caminhava para uma prática reflexiva. A qual vem sendo compreendida pelo ato de reflexão realizado pelo professor na e sobre sua prática pedagógica, como afirma Ilmara Cordeiro Brito (2020).

Muito comunicativa, ela nos presenteou com importantes reflexões acerca do que vínhamos discutindo em cada oficina. Tais reflexões foram fundamentais para identificarmos a sua percepção quanto à relevância do estudo da história e cultura afro-brasileira e africana, como também para compreendermos de que forma ela vinha trabalhando a temática em sua prática pedagógica. E evidenciou o que já tinha sido constatado anteriormente, por Eliane Cavalleiro (2003), Oliveira (2010) Santiago (2019), dentre outras referências, incluindo as que já foram citadas neste relatório, a violência que as crianças negras seguem sofrendo dentro do ambiente escolar por causa de seu pertencimento étnico-racial, seja por parte de outras crianças, ou de adultos que fazem parte da comunidade escolar.

O acompanhamento que realizamos mostrou que a professora efetivou em suas duas turmas, tanto a proposta realizada por ela aqui apresentada, quanto outras propostas utilizando o conto de tradição oral *Ubuntu*; a história do escritor Fábio Simões, *Olelé*; uma antiga cantiga da África (2019); e a história da escritora Ana Fátima, *As tranças de minha mãe* (2018). Todas da Audioteca que a oferecemos. Percebemos também que além de utilizar o repertório oferecido por nós, a professora colaboradora, fez o movimento de buscar outras histórias que também contribuem para o fortalecimento da identidade negra, como a própria história da proposta apresentada aqui, de título, *Cada um do seu jeito, cada jeito é de um*, de Lucimar Rosa Dias (2012), e *Tanto Tanto* de Trish Cooke (2008).

Durante a realização dessas propostas, a professora colaboradora nos apresentou algumas inquietações, chateações e frustrações. As inquietações provinham do fato de ela não conseguir ignorar a educação eurocêntrica, que as crianças, em sua grande maioria negras, continuavam recebendo, e as instituições de ensino, sobretudo a que ela trabalha, não estarem interessadas em romper com essa situação. A professora estava preocupada em como isso estava se reverberando nas crianças e na construção de suas identidades. As chateações eram fruto das críticas que ela passou a receber por parte de colegas de trabalho, por estar na concepção deles, trabalhando com “coisas da consciência negra”, antes da época. A frustração foi causada por dois principais motivos: no primeiro a professora se viu sozinha, tentando trabalhar em sua prática pedagógica a educação das relações étnico-raciais. E o segundo, deu-se ao fato de ela não ter tido um retorno das crianças ou de seus responsáveis acerca da atividade, e nem saber se as crianças tiveram acesso às propostas.

No que tange a Audioteca da Brinquedoteca de Histórias, a professora demorou um pouco para se apropriar do material. Ela acreditava que não poderia compartilhar as histórias com outras pessoas e quando queria enviá-las para alguém, nos mandava mensagem pedindo permissão. Depois de algumas conversas, essa apropriação aconteceu. A professora que já sabia quando a plataforma era alimentada, passou a ouvir e compartilhar as histórias com seus alunos, às vezes seguidas de provocações e em outras só recomendando a escuta. Ela também ofereceu este repertório a outros professores e deu continuidade a outras propostas de aula utilizando a Audioteca

As propostas apresentadas apontam que a professora colaboradora caminha para o reconhecimento da importância de se trabalhar com a história e cultura afro-brasileira e africana em sua prática pedagógica, durante todo o ano letivo; a preocupação de não levar mais para as suas crianças uma educação eurocêntrica; a compreensão da importância de um trabalho pedagógico voltado para as relações étnico-raciais a partir da contação de histórias; o uso e compartilhamento do repertório oferecido, como podemos ver nas palavras dela a seguir:

Eu vou dizer que eu amei muito participar, porque assim, me abriu um leque de curiosidade. Eu vou colocar essa palavra leque de curiosidade, porque assim, me deixou com mais vontade de trabalhar, independente da escola está ou não trazendo a temática, porque é muito importante! É muito importante que as crianças comecem a ter acesso e comecem a ter esse olhar, está entendendo? Com essas questões da ancestralidade, de nós estarmos trabalhando com as histórias, de elas estarem se vendo ali na história, delas estarem se reconhecendo. Então para mim foi muito legal, muito legal mesmo. Abriu assim um leque de ideias, e eu tô começando a organizar as minhas atividades. Antes eu ficava procurando situações que não é necessário porque já está implícita na história. A história já traz esse elo. Então

basta a gente trabalhar, e gerar na criança, uma inquietação, e as perguntas né? Fazer com que elas vá se vendo e vá respondendo aquilo que a gente tá propondo. Agora quando eu pego uma história, eu já vou pensando: não, dá para trabalhar, dá para fazer esse link, dá para estar levando ela para as crianças (Professora Colaboradora, em conversa realizada em nosso último encontro, 2021).

A intervenção pedagógica aqui apresentada contou com um trabalho conjunto de todas as envolvidas nesta ação, sobretudo da professora colaboradora. A mesma percebeu a contação de histórias como estratégia para se trabalhar a educação das relações étnico-raciais na educação infantil. E mostrou a necessidade da promoção de formação continuada e material didático referente a temática, para o fortalecimento da prática pedagógica de professoras e professores.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do projeto de intervenção pedagógica “História e cultura afro-brasileira e africana na educação infantil a partir da contação de histórias”, nos possibilitou compreender como a temática vinha sendo trabalhada em sala de aula, pela professora colaboradora da ação.

Ao decorrer do projeto, dificuldades foram surgindo. As 8 desistências das professoras nos pegaram de surpresa e nos fez questionar se valia a pena dar continuidade às ações apenas com uma delas. Acreditamos que esse aconteceu em sua maioria tenha em parte, a ver com o momento pandêmico que estávamos enfrentando e todo o cenário imposto por ele, mas também com outros fatores, como: a duração do projeto; o desinteresse pela temática, uma vez que ela só seria/é utilizada no mês de novembro; a religião e a crença de que levaríamos para as oficinas ensinamentos sobre o “Candomblé”, como tem demonstrado boa parte da literatura referente a temática em discussão.

Como nossas oficinas temáticas estavam ocorrendo virtualmente, problemas de conexão com a internet e com os aparelhos utilizados, que variavam entre celulares e notebooks, também se configuraram uma dificuldade. Houve dias em que a internet de algum participante não estava boa, isso acontecia principalmente em dias chuvosos. E certa vez, a professora colaboradora acabou ficando com o aparelho celular, o qual utilizava para participar das oficinas, quebrado, com isso tivemos que remarcar a oficina.

Outra dificuldade que enfrentamos foi um problema pessoal da professora colaboradora que não nos cabe aqui relatar, mas que exigiu que tivéssemos as nossas atividades suspensas durante duas semanas.

Tanto a remarcação das oficinas, quanto a sua suspensão acabaram mexendo na ordem dos temas e em nossas datas. Mas ainda assim, consideramos que o projeto atingiu seu propósito: compartilhar experiências exitosas com a temática e oferecer repertórios sobre história e cultura afro-brasileira e africana, por meio da contação de histórias, a docentes que atuam na educação infantil, para que possam fortalecer o seu trabalho pedagógico.

Os resultados da ação de intervenção pedagógica aqui apresentados indicam que há indícios de mudança na prática pedagógica da professora colaboradora, uma vez que ela reconhece a importância de se trabalhar com a história e cultura afro-brasileira e africana durante todo o ano letivo, e já estava trabalhando com a temática a partir do repertório que a oferecemos e de outros materiais, com suas turmas, fora do período da consciência negra.

Pesquisas realizadas previamente denunciaram a falta de recursos didáticos disponibilizados para as professoras e professores trabalharem com a temática em suas práticas pedagógicas. Desse modo, o presente trabalho se apresenta como um recurso, uma vez que o mesmo apontou a contação de histórias como uma possibilidade potente para o trabalho pedagógico com este viés e ofereceu repertório sobre história e cultura afro-brasileira e africana através da Audioteca online gratuita, do Projeto de Extensão Brinquedoteca de Histórias: *contação de histórias e vivências lúdicas de letramento na infância*.

Os aprendizados com essa intervenção pedagógica também revelam a potência das ações extensionistas. Os projetos de extensão universitária partem do objetivo de articular o conhecimento produzido pela academia com as necessidades da comunidade onde a universidade está inserida, a fim de contribuir para a transformação da realidade social. Tendo em vista que a sociedade brasileira é permeada pelo racismo estrutural, a academia nas últimas décadas, tem se dedicado a discutir essas questões, com isso muitos projetos de extensão têm sido criados e desenvolvidos com uma proposta antirracista. As iniciativas preocupadas com o contexto escolar têm se revelado muito potente para o fomento do trabalho com a história e cultura afro-brasileira, e a intervenção pedagógica que realizamos, pode se configurar como testemunho desse processo, uma vez que essa só foi pensada/construída, a partir do meu envolvimento com um projeto de extensão com este teor.

Neste sentido, consideramos que essa e outras iniciativas que valorizam a cultura afro-brasileira no campo da educação, sobretudo na educação infantil, podem contribuir para o enfrentamento do racismo no espaço escolar, visibilizando positivamente a população negra. Tal visibilidade, ressignificada pela educação antirracista, contribui para a construção da identidade de crianças negras e não negras, uma vez que as práticas educativas oportunizarão a estas crianças conhecerem as muitas contribuições feitas por seus ancestrais para a formação do Brasil.

## Referências

ABRAMOVICH, Fany. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. 4ª ed., São Paulo: Scipione, 1997.

AMARAL; Belisa. BARBOSA, Ana Rita; BATISTA, Gabriele; ESTEVES, Valdimiro. **Letramentos na perspectiva decolonial: a experiência do projeto de extensão brinquedoteca de histórias**. In: Seminário de estudos do texto e do discurso leitura e escrita em qualquer língua, suporte ou perspectiva, IV., 2020, Rio Grande do Norte. (Anais) Rio Grande do Norte: Pedro e João, 2020.p. 86-p.95.

AQUINO, Daiana Q. G. **O ensino da história da cultura afro-brasileira na educação infantil**. 2021. Artigo (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Graduação em Pedagogia a Distância.

BÂ, Amadou Hampâté. **A Tradição Viva**. In: ISKANDER, Z. (Org.) História Geral da África. Vol.1 São Paulo: Ática, UNESCO,1980. P. 181-218.

BERNAT, Isaac. **Encontros com o griot SotiguiKouyaté**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

BUSATTO, Cléo. **Contar & encantar: Pequenos segredos da narrativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, 2004.

BRITO, Ilmara C. **A prática reflexiva crítica no exercício da docência**. Anais VII CONEDU - Edição Online... Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/67808>. Acesso em: 12/05/2022 09:02.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio o escolar: racismo, preconceito e discriminação na Educação Infantil**. São Paulo: Contexto, 2000.

DAMIÃO, Flávia. **Primeira infância, afrodescendência e o fazer pedagógico na educação infantil: a força dos espaços vazios**. *Revista Eletrônica de Culturas e Educação*. Caderno Temático: Educação e Africanidades Caderno Temático: Educação e Africanidades N. 4 p. 71- 88, Ano 2 (Novembro/2011) ISSN 2179.8443.

DELORS, J. **Educação: Um tesouro a descobrir**. 2ed. São Paulo: Cortez Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2003.

DELORS, J. **Educação Anti-Racista: compromisso indispensável para um mundo melhor**. In: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e Ante-Racismo na Educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Sumus, 2001.

FREITAS, Daniela Figueiredo. **A inserção da história e da cultura afro-brasileira na educação infantil** / Daniela Figueiredo Freitas.- Salvador, 2011.45f. Orientador: Prof. 7 Fernando Roque de Lima. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) –Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Colegiado de Pedagogia. Campus I. 2011.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. **A Tradição Viva**. In: HAMPATÉ BÂ, Amadou; KI-ZERBO. (org.) História Geral da África I: Metodologia e Pré-história da África. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010, p.167-212.

JOVINO, Ione da Silva. **Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil**. In. SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré (Org). Literatura Afro-Brasileira. Centro de Estudos Afro- Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

**Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996.

LOBATO, Monteiro. **Histórias de Tia Nastácia**. São Paulo: Ed. Nacional, 1937.

MARIOSIA, Gilmara Santos; Dos Reis, Maria da Glória. **A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças**. Estação Literária, v. 8, n. 1 Supl., p. 42-53, 2011.

PEREIRA, Erika J.H; Rosa, Aretusa S; Vasconcellos, M. Ramos de. **Infância, educação e relações étnicos raciais: a produção acadêmica nos últimos anos**. Jornal Criar Educação. 2016. <http://dx.doi.org/10.18616/ce.v0i0.2880>. Disponível em: Acesso em 11 de janeiro de 2021.

PIRES, Rosane de Almeida; SOUSA, Andréia Lisboa; Souza, Ana Lúcia Silva. **Afroliteratura brasileira: O que é? Para quê? Como trabalhar?** Educom Afro – Publicação da Faculdade de Educação da PUCRS, Viamão, mar. 2005. Disponível em: [www.pucrs.br/.../educomafro/index1.php?p=afro-literatura](http://www.pucrs.br/.../educomafro/index1.php?p=afro-literatura) .

PESTANA, Cristiane V.A. de. **Não existe lápis cor de pele! A construção da identidade negra na literatura infantil**. Portal da Literatura Afro-Brasileiro, 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-criticos/1540-cristiane-pestana-nao-existe-lapis-cor-de-pele-a-construcao-da-identidade-negra-na-literatura-infantil>. Acesso em 20 de Fevereiro de 2022.

**Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília: MEC/SECAD/SEPPIR, 2009.

PRADO, Eliane M; Fatíma, Lilian. E. da Silva de. **Os desafios da prática docente na aplicação da Lei 10.639/03**. Revista Intersaberes | vol.11, n.22, p. 124 - 139 | jan.- abr. 2016 | 1809-7286. Prefixo DOI: 10.22169.

SILVA, Claudilene. **A Volta Inversa na Árvore do Esquecimento e nas Práticas de Branqueamento: práticas pedagógicas escolares em história e cultura afro-brasileira**. Curitiba. CRV: 2019.

SILVA, Claudilene; **Práticas Pedagógicas de Valorização da Identidade, da Memória e da Cultura Negra: a volta inversa na árvore do esquecimento e nas práticas de branqueamento**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

SILVA, Claudilene; Santiago, Eliete. **História e cultura afro-brasileira: uma política curricular de afirmação da população negra no Brasil**. Educación, Vol. XXV, N° 48, p.53-66, março, 2016.

SILVA, Jerusa Paulino da. **A construção da identidade da criança negra: a literatura afro como possibilidade reflexiva**. 2010. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

SILVA, Mara Regina Paulo Da Silva e Santos, Cleia Souza. **A literatura afro-brasileira em um Centro de Educação Infantil do município de São Paulo**. Revista Cocar. V. 14. N. 28. p. 664-680. 28 jan./abr./2020. ISSN: 2237-0315.

SOUSA, Ana Livia Mendes; SÁ, Paloma Israely Barbosa; Bufrem, Leilah Santiago. **Memória e Oralidade: a cantoria de viola e a contação de histórias na Região do Cariri Cearense**. 2020.

TORRES, Shirlei Milene; Tettamanzy, Ana Lúcia Liberato. **Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação**. Nau literária, v. 4, n. 1, 2008.

## **Apêndices**

## Apêndice 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento



### INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS – CAMPUS DOS MALÊS CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Nome da professora voluntária:

#### INTRODUÇÃO

A senhora está sendo convidada a participar do **Projeto de Intervenção Pedagógica “História e cultura afro-brasileira e africana a partir da contação de histórias”**. Atividade que configura trabalho de conclusão de curso (TCC), da estudante Gabriele de Jesus Batista, no curso de pedagogia da UNILAB, no Campus dos Malês, sob a orientação da profa. Claudilene Silva. Se decidir participar, é importante que leia as informações abaixo sobre o projeto e o seu papel como participante.

#### OBJETIVO DO PROJETO

Compartilhar experiências exitosas com a temática e oferecer repertórios sobre história e cultura afro-brasileira e africana, por meio da contação de histórias, a docentes que atuam na educação infantil para que possam fortalecer seu trabalho pedagógico.

#### PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Para a realização da coleta de informações e construção coletiva de conhecimento realizaremos encontros coletivos com professoras que atuam na educação infantil, com o intuito de trabalhar teoria e prática. Planejamos a realização de 10 encontros (oficinas temáticas), cinco deles serão destinados a conversas sobre tradição oral, contação de história, história e cultura afro-brasileira e africana, a imagem do negro na literatura infantil brasileira e a influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças.

Os cinco encontros restantes ficarão para análise de histórias, reflexões e oficinas. Por último a criação e apresentação de uma proposta de atividade pedagógica criada pela senhora, a partir de uma história selecionada na Audioteca online do projeto de extensão Brinquedoteca de Histórias da UNILAB.

Este projeto oferece riscos como o constrangimento no momento de suas falas e posicionamentos; ou ainda a um sentimento de estresse psicológico caso não se sinta à vontade para expor suas experiências com a temática em estudo. **Comprometemo-nos** a realizar as conversas em ambiente discreto, remotamente, reservado para o grupo de trabalho, sem interferência de pessoas não autorizadas. A senhora não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar, assim como é livre para deixar de participar do projeto a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Os benefícios deste trabalho são atrelados à ampliação do conhecimento em relação aos saberes necessários à prática educativa em história e cultura afro-brasileira e africana, na educação infantil e a valorização destes, contribuindo para a área de conhecimento da Educação. Recorreremos as oficinas temáticas como metodologia e a técnica da entrevista coletiva, por meio remoto, para a coleta de informações e produção de dados. Todo material disponibilizado e produzido nos encontros temáticos poderá ser acessado pelas participantes, que poderão utilizar posteriormente em suas atividades educativas. Uma cópia deste ‘Termo de Consentimento Livre e Esclarecido’ ficará em suas mãos. E estaremos a disposição para esclarecer quaisquer dúvidas durante todo o processo. Contato: gabibpts@gmail.com.

### DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_ após ter lido todas as informações contidas neste documento antes de assinar este termo, confirmo que fui devidamente esclarecida, tendo recebido uma cópia deste formulário, dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar como voluntária do Projeto de Intervenção Pedagógica: História e cultura afro-brasileira e africana a partir da contação de histórias.

Assinatura da voluntária

\_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

## Apêndice 2 - Formulário do Google Meet

12/07/2022 14:58

Projeto de Intervenção Pedagógica "História e cultura afro-brasileira e africana a partir da contação de histórias"

# Projeto de Intervenção Pedagógica "História e cultura afro-brasileira e africana a partir da contação de histórias"

Estudante: Gabriele de Jesus Batista

Orientadora: Profa. Claudilene Silva

Cara professora,

Esperamos encontrá-la bem e com saúde. Gostaríamos de agradecer a disponibilidade da senhora em contribuir e participar do nosso projeto. Nosso intuito é que possamos construir e compartilhar práticas exitosas, que possam fortalecer o trabalho pedagógico com história e cultura afro-brasileira na educação infantil. Este questionário possui o objetivo de nos orientar na organização das atividades. É importante salientar que o seu nome e o seu local de trabalho ficarão em sigilo.

---

### \*Obrigatório

1. Nome: \*

---

2. Idade: \*

---

3. Qual a sua raça/cor? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Preta

Branca

Parda

Indígena

12/07/2022 14:58

Projeto de Intervenção Pedagógica "História e cultura afro-brasileira e africana a partir da contação de histórias"

4. Qual a sua cidade? \*

---

5. Há quanto tempo atua como docente na educação infantil? \*

---

6. Nome da escola na qual trabalha: \*

---

7. Nesse momento, é responsável por quantas turmas de educação infantil? \*

---

8. Qual a sua formação? \*

---

9. Há quanto tempo está formada? \*

---

10. Já participou de alguma formação docente referente a temática "História e cultura afro-brasileira e africana"? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

12/07/2022 14:58

Projeto de Intervenção Pedagógica "História e cultura afro-brasileira e africana a partir da contação de histórias"

11. Em sua prática docente, a senhora trabalha a história e cultura afro-brasileira e africana? De que forma? Em quais momentos? \*

---

---

---

---

---

12. Em sua opinião, qual é a relevância da história e cultura afro-brasileira e africana na educação infantil? \*

---

---

---

---

---

13. Qual seu sentimento em participar deste projeto de intervenção? Está animada? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Não muito
- Mais ou menos
- Estou animada, sim
- Estou muito animada
- Outra: \_\_\_\_\_

12/07/2022 14:58

Projeto de Intervenção Pedagógica "História e cultura afro-brasileira e africana a partir da contação de histórias"

14. Nossos encontros possuem previsão de 1 hora de duração. Qual é o melhor período para sua participação? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Manhã
- Início da tarde
- Final da tarde
- Noite

15. Obrigada por responder o presente questionário!

---

---

### Apêndice 3 - Cronograma das Ações de Intervenção Pedagógica

<b>Data</b>	<b>Título da ação</b>	<b>Responsável Convidada/o</b>
05/07/21	História e cultura afro-brasileira e africana a partir da contação de histórias.	Gabriele Batista
12/07/21	A imagem do negro na literatura infantil brasileira.	Gabriele Batista
19/07/21	A importância da literatura afro-brasileira e africana para a construção da identidade e do reconhecimento histórico na infância.	Professora Taisa Ferreira
04/08/21	A arte de contar histórias.	Professora Ana Fátima
09/08/21	Memória e tradição oral.	Professor Bruno Amaral
18/08/21	Afro-letramento e contação de histórias.	Professora Ana Rita Barbosa
08/09/21	Vamos falar de nós e das nossas histórias.	Gabriele Batista Professora Colaboradora
15/09/21	O que temos a dizer? (Encontro para orientação sobre a atividade pedagógica a ser construída).	Gabriele Batista
22/09/21	Apresentação da construção pedagógica.	Gabriele Batista/ Professora Colaboradora